

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

BACHARELADO EM TEOLOGIA

RENIFFER DA SILVA HERMINIO

**O DESTINO DO HOMEM E O DESTINO SALVÍFICO DE DEUS NA
ANTROPOLOGIA DE SANTO IRINEU DE LIÃO.**

ANÁPOLIS – GO

2022

RENIFFER DA SILVA HERMINIO

**O DESTINO DO HOMEM E O DESTINO SALVÍFICO DE DEUS NA
ANTROPOLOGIA DE SANTO IRINEU DE LIÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Me. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

ANÁPOLIS – GO

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

RENIFFER DA SILVA HERMINIO

DESTINO DO HOMEM E O DESTINO SALVÍFICO DE DEUS NA ANTROPOLOGIA DE SANTO IRINEU DE LIÃO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Me. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Nome do Orientador
ORIENTADOR

Nome do Convidado
CONVIDADO

Nome do Convidado
CONVIDADO

DEDICO

Dedico este trabalho a toda a minha família sanguínea e a minha família Espiritual Comunidade Eis aí tua mãe -Obra de Maria. Dedico também a todos os meus amigos, que sempre com as suas palavras de apoio me motivam a sempre ir mais além.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, aquele por quem deixei tudo, e a Santíssima Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição, à São João Paulo II e ao querido Papa Bento XVI que pela sua majestosa defesa da Fé, que despertou o desejo por pesquisar sobre este tema.

Aos meus pais, Severino Hermínio Ferreira e Edna da Silva Ferreira, que me amam mais que tudo nesta vida e a quem amo com todas as forças a minha irmã, Franciele da. Silva Herminio, minha família minha base.

Aos amigos que caminharam ao meu lado, cursando as mesmas disciplinas, dividindo dúvidas e soluções sobre a Teologia e sobre a vida vocacional.

À Comunidade Eis aí tua mãe - Obra de Maria na pessoa do seu fundador Gilberto Gomes Barbosa e da sua cofundadora Maria Salomé Ventura, se estendendo a todos os meus irmãos que juntos formam essa linda família. Na qual estou há 13 anos de minha vida.

Ao meu amado arcebispo Dom Alberto Taveira Corrêa que me acolhe na Igreja de Belém do Pará.

Ao meu reitor Padre Jonas Freire de Souza que com sua vida nos ensina ser verdadeiros irmãos.

De uma forma muito especial quero agradecer a todos os meus irmãos seminaristas que caminham ao meu lado com o mesmo objetivo que é a vida sacerdotal dentro da comunidade.

À Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus em Águas Lindas.

À o Instituto Dom Vicente Zico, e aos seus professores e aos funcionários.

Ao meu amigo e professor Msc. Conê. Vladian Silva Alves que foi tão paciente e não desistiu de me ajudar com o TCC.

À Viviane Cartágenes, que me ajudou a ter mais confiança em mim mesmo, e sempre com entusiasmo me incentivou a jamais desistir da minha vocação.

À Cínara da comunidade Maíra, que me salvou na correção do meu TCC.

É salutar frisar que qualquer ato de agradecimento não seria capaz de compensar o bem que cada umas dessas pessoas me fizeram e fazem, espero que está simples palavras que estão escritas neste papel, possam expressar a minha eterna gratidão.

RESUMO

No presente trabalho será apresentado o contexto histórico-cultural que influenciaram por três séculos da vida cristã, por um lado, a compreensão da visão clássica do homem que teve um marco na antropologia cristã, do outro, antropologia a visão bíblico-judaica que também teve suas influências no contexto helenístico. Destas influências surge o gnosticismo, propondo uma antropologia dualista, atraídos pela promessa de um conhecimento superior a um grupo seleto de eleitos. Com esta perspectiva, objetivo principal do trabalho é apresentar a antropologia de Santo Irineu contido em sua obra *Contra as Heresias* no livro IV e V, como resposta aos adversários e compreensão para os cristãos. Neste sentido será tratado o contexto histórico e religioso que influenciaram o Bispo e como desenvolveu seu método teológico, depois será exposto todas as questões que contrapõem o gnosticismo a respeito da criação, do homem criado à sua Imagem e semelhança; à recapitulação, a salvação e sua vida escatológica.

Palavra-Chave: Irineu. Homem. Imagem. Semelhança. Divinização.

RESUMEN

En el presente trabajo se presentará el contexto histórico-cultural que influenciaron por tres siglos de la vida cristiana, por un lado, la comprensión de la visión clásica del hombre que tuvo un marco en la antropología cristiana, del otro, antropología la visión bíblico-judía que también tuvo sus influencias en el contexto helenístico. De estas influencias surge el gnosticismo, proponiendo una antropología dualista, atraídos por la promesa de un conocimiento superior a un grupo selecto de elegidos. Con esta perspectiva, objetivo principal del trabajo es presentar la antropología de San Ireneo contenido en su obra contra las herejías en el libro IV y V, como respuesta a los adversarios y comprensión para los cristianos. En este sentido se tratará el contexto histórico y religioso que influenció al Obispo y cómo desarrolló su método teológico, después se expondrán todas las cuestiones que contraponen el gnosticismo respecto de la creación del hombre creado su imagen y semejanza; la recapitulación, la salvación y su vida escatológica.

Palabra clave: Ireneo. Hombre. Imagen. Semejanza. Deificación.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1: A BIOGRÁFIA DE IRINEU E O CONTEXTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO GNÓSTICO	13
1.1. Investigando sua Terra Natal.....	13
1.2. A Cidade de Lyon e a relação entre o Império Romano na Gália	15
1.2.1. A chegada do cristianismo em Lyon.....	16
1.2.2. O martírio dos cristãos de Lyon.....	17
1.3. Irineu	19
1.3.1. Irineu, o presbítero.....	19
1.3.2. Irineu, o bispo.....	19
1.3.3. Irineu, o teólogo	20
1.3.4. Escritura e Tradição.....	21
1.4. Movimento Gnóstico no Século II e sua influência no cristianismo	22
1.4.1. O Orfismo: uma corrente filosófica-religiosa que influencia a doutrina gnóstica.....	25
1.4.2. Marcião	27
1.4.3. Valetim	28
CAPITULO 2: ANTROPOLOGIA DE IRINEU	32
2.1. A obra criadora de Deus.....	32
2.1.1. O homem e a sua origem	33
2.1.2. As duas mãos de Deus.....	38
2.1.3. A origem do corpo.....	41
2.2. A alma	43
2.3. Imagem de Deus.....	45
CAPITULO 3: O DESTINO DO HOMEM	52
3.1. À Imagem da Imagem de Deus.....	52
3.2. À semelhança de Deus	55
3.3. Salvação na carne.....	58
3.3.1. A Recapitulação	60

3.4. O Homem salvo hoje: um comentário das parábolas usadas por Irineu.....	62
3.5. O Homem e Mulher: sua vocação escatológica	65
CONCLUSÃO	68
REFERENCIAS:.....	70

INTRODUÇÃO

Segundo as Sagradas Escrituras, o homem foi criado “A imagem e semelhança de Deus e capaz de conhecer e amar seu Criador”. Também o ser humano é o único ser composto de corpo e de alma, que sintetiza em si todos os elementos do mundo material, que nele transcendem a si mesmo e proclamam louvores ao Criador; estas afirmações estão descritas na constituição pastoral *Gaudium et spes*¹. Em vista disso, ao pesquisar sobre tais indagações foi impossível não perceber que tais coisas foram bem descritas por Santo Irineu de Lião ao afirmar que: “A glória de Deus está no homem vivente²”.

Então, esta pesquisa tratará de falar de Deus, do Cristo e dos homens. Tudo mergulhado em uma fina e tênue linha de pensamento que busca realizar a união destes elementos dentro de uma síntese coerente e unitária, ao mesmo tempo em que respeita a alteridade de cada dimensão envolvida dentro desta espiral.

Todavia, durante muito tempo a reflexão cristã esteve alicerçada em uma noção fixista da criação, do cosmos, fruto de uma leitura histórica das narrativas bíblicas da criação. O imaginário girava em torno da nostalgia de uma dupla perfeição perdida: a perfeição do mundo e do homem. É o arquétipo da idade do ouro, a antiga compreensão de que nos primórdios tudo se encontrava em uma melhor situação tão comum dentro das culturas. Quanto mais a situação atual é difícil de ser vivida, tanto, mas se é tentado a compensar voltando a um passado de felicidade imaginária.

Entretanto, diante das novas descobertas científicas acerca do universo tal visão vê-se desafiada por uma realidade em constante evolução. O ser humano não pertence mais a um universo estático, mas percebe um cosmos penetrado por um intenso movimento de mudança, também constatável em todas as áreas dos seres vivos. Diante destas descobertas, a mensagem cristã já não pode continuar aprisionada a uma concepção que compreenda o humano como um ser que determinado desde o início, não está também aberto à mudança, ao crescimento.

¹ CONSTITUIÇÃO PASTORAL *Gaudium et spes*. In: **Concílio Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p.470-547.

² IRINEU, Santo, Bispo de Lião, Livros IV. 20,7, p'.433. **Coleção Patrística**. São Paulo, Paulus, 1995. (Patrística 4).

Desta forma, surge uma pergunta: será que a antropologia cristã, que durante os séculos foi a construtora de pensamento, não consegue responder os questionamentos do homem moderno? É preciso buscar coisas novas para responder à tais atribuições ou uma atualização do pensamento? Como explicar a criação, o ser humano e o que o compõe, e sua verdadeira vocação?

Nem sempre a modernidade tem uma resposta solidificada, como os primeiros pensadores sobre este tema cito Santo Irineu, que é uma referência essencial da luta da Igreja para defender a integridade da pessoa humana tendo Cristo como modelo. Mas por que escolher Santo Irineu entre tantos outros mestres de antropologia que encontramos ao longo da história e na atualidade? Na verdade, o interesse é orientar, em primeiro lugar, com as raízes da doutrina cristã e das suas respostas face aos grandes problemas do homem e da sociedade. Por isso, seguindo também o exemplo do concílio Vaticano II, é interessante “regressar às fontes” e aprofundar assim a questão antropológica dentro do âmbito Patrístico.

A presente pesquisa bibliográfica, não tem a pretensão de solucionar todos os problemas, mas busca apontar e revalorizar a concepção solidificada da antropologia de Santo Irineu de Lião na obra *Contra as heresias* principalmente no livro IV e V, que aponta a dimensão positiva da situação humana na criação, de onde deve haurir seu destino no contínuo do devir à qual está destinado.

Este processo inicia-se no instante da criação e culminará na divinização do homem e, conseqüentemente, de todo o cosmo. Entretanto, antes de fazer a experiência do divino, o homem deve experimentar o humano, com toda sua fragilidade e finitude. Encontramos aí a originalidade do pensamento irineano: o ser humano é potencializado, desde sua criação, para assumir, na fragilidade de sua condição humana, a Força de Deus, mergulhando, assim, na divindade própria do Criador. Todo este processo é realizado no decorrer da história humana, que se percebe envolvida em um contínuo movimento de devir. Em vista disso, levantar-se-á uma reflexão: o homem entenderá que a sua condição humana se dá no interior da criação e que, para chegar a deificação, o homem está ligado profundamente à descoberta da sua pertença ao universo criado.

O primeiro capítulo, intitulado como a bibliografia de Irineu e contexto histórico do movimento gnóstico, procurará situar Irineu e a sua obra no seu tempo e ambiente histórico-religioso. Desse modo, poderá compreender melhor o homem que ele foi e também se perceberá o significado da sua obra e da sua teologia. Procurar-se-á

mostrar que, a circunstância em que Irineu viveu, influenciou muito a sua forma de pensar e agir. Também viu a “Grande Igreja” ser constantemente atacada pelas heresias gnósticas, através das quais os seus adversários punham em causa a credibilidade da verdade revelada em Cristo, o Verbo de Deus e homem perfeito.

No segundo capítulo encontra-se o desdobramento da Antropologia de Santo Irineu, em sua obra *Contra as heresias* nos livros IV e V. Onde se tratará da obra criadora de Deus, feita por livre vontade e amor; Este Deus modela o homem à sua imagem, composto de σώμα-ψυχή, não como uma dualidade como afirmam os opositores, mas ao contrário, o homem vivo é o homem integral e contém o corpo-alma-espírito.

E no último capítulo será tratado o homem e seu destino, começando pelo tema da semelhança, que é plena manifestação da transformação do homem que se dará na salvação da carne e seu destino, pois o ser humano constitui a realização do plano de salvação divino, que começou a manifestar-se visivelmente com a encarnação do Verbo. A obra redentora de Jesus Cristo é descrita e desenvolvida pelo Bispo de Lião dentro da ação trinitária do Pai que, através das ‘suas mãos’, o Filho e o Espírito, não somente cria o homem “à sua imagem e semelhança”, como também restitui a mesma imagem e semelhança ao ser humano.

CAPITULO 1: A BIOGRÁFIA DE IRINEU E O CONTEXTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO GNÓSTICO

Neste Capítulo será revisitada a biografia de Santo Irineu, que não é uma tarefa simples. Graças a Eusébio de Cesareia³ 340 d. C, na *História eclesiástica* que descreve à Carta dos mártires de Lyon (177d.C), a história da polemica pascal e à publicação da obra contra as heresias, durante o episcopado de Eutério em Roma (175-189); e também alguns teólogos historiadores recentes, foram colhidas informações biográficas sobre o autor. Logo depois, será contextualizado o movimento gnóstico, suas influencias, como também os personagens principais da pesquisa: Marcião e Valentim.

1.1. Investigando sua Terra Natal

Irineu nasceu aproximadamente entre os anos 130 e 140 d. C, em Esmirna, Ásia Menor, atual Izmir (Turquia). No século II, Roma e a Ásia Menor eram conhecidas como grande centro do Cristianismo. Esmirna era uma cidade bem-sucedida e afortunada, devido os comerciantes que percorria o rio da Suíça e da França que banhava a cidade de Lyon chamado de Ródano, para vender suas mercadorias.

[...] Esmirna parecia manter relações particularmente importantes com Roma: jovens provincianos haviam adquirido o hábito de tentar fazer fortuna na capital, para receber instrução dos mestres de renome da época, nas principais escolas de Roma. Também havia em Roma centros de formação de doutrina cristã – ancestrais das futuras escolas de teologia. Esmirna, no Oriente, Roma e Lyon no Ocidente: foi nestes dois mundos do Oriente e do Ocidente que a vida de Irineu se desenvolveu [...].⁴

Por não ser de costume no oriente neste período, Irineu é batizado bem jovem, pelo bispo Policarpo⁵ que era discipulo do apóstolo João, ou seja, “ele faz parte da

³ EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística; 15).

⁴ SINGLES, Donna. **A glória de Deus é o homem vivo**: Profissão de fé de Santo Irineu. São Paulo: Paulus, 2010, p.12.

⁵ EUSÉBIO DE CESARÉIA, op. cit., IV, 14, 1-9 p.87.

terceira sucessão da transmissão que une os batizados de sua época ao próprio Jesus⁶ preservando assim a tradição da fé.

Por ser discípulo de Policarpo e por ter tamanha afeição de pai da fé (pai espiritual), Irineu fala ao colega de classe da juventude Florinus que foi catequizado por um discípulo de uma Apóstolo. E quem nos fornece esta carta é Eusébio:

Com efeito, quando ainda era criança na Ásia Menor, eu o vi junto a Policarpo [...]. Com efeito, os conhecimentos adquiridos desde a infância crescem com a alma e se unem a ela, de tal maneira que posso dizer o lugar que em quem o a bem-aventurado Policarpo ficava sentado para falar, como ele entrava e saía [...] como descrevia o seus contatos com João e com os outros que tinham visto o Senhor, como se lembrava de suas palavras e das coisas que eles o fizeram ouvir a respeito do Senhor, de seus milagres, de seu ensinamento; como Policarpo, depois de ter recebido tudo isso das testemunhas oculares da vida do Verbo, relatou-o em consonância com as Escrituras. Estas coisas não anotei-as no papel, mas em meu coração [...]⁷.

Para Irineu a Igreja é uma educadora da fé, mestra que ensina não apenas para o entendimento intelectual e bom que tenha, mas o necessário é plantar nos corações daqueles questão nascendo e crescendo na fé, a verdade evangélica para que todos receba a revelação divina e gere uma confiança renovadora. Após implanta-la em seu coração, Irineu deixa a família e amigos da Ásia Menor, para se formar junto aos mestres que estavam nas diversas cidades do Império romano. Em seus escritos, demonstrava domínio sobre a cultura em geral, um homem que tinha um profundo conhecimento Bíblico de tal forma que, os textos escorrem em sua escrita com muita facilidade.

Neste período em que ficou em Roma, pensa-se que ele estava com São Justino, que estava fundando uma escola de doutrina cristã. Irineu queria absorve tudo que levava ao conhecimento tanto do Oriente no qual viveu sua juventude, mas estava a mergulhar na experiência e conhecimento do Ocidente para adquirir ferramentas para seus ensinamentos posteriores. Por seguinte ele vai para Lyon onde todo seu pastoreio é realizado.

⁶ SINGLES, Donna. **A glória de Deus é o homem vivo: Profissão de fé de Santo Irineu**. São Paulo: Paulus, 2010, p.9.

⁷ EUSÉBIO DE CESARÉIA, apud SINGLES, Donna , 2010 p.13.

1.2. A Cidade de Lyon e a relação entre o Império Romano na Gália

A cidade de Lyon/Lião está localizada na Gália uma região que se compreende na atualidade como França e Bélgica. Foi colonizada pelos romanos, ganhou grande visibilidade através do centro de comércio. No século II, a Gália estava dividida em quatro províncias: uma no Sudeste indo até o Alpes, a segunda no mediterrâneo até Lyon, a terceira na região de Narbonne; estas três formam o que se chamava Gália Romana e a quarta e que tinha o codinome de Gália cabeluda ou de Gália comatosa⁸, áreas conquistadas por César. Por seguinte, com a chegada de Augustus estas províncias foram divididas entre três grandes regiões⁹ que não era mais interligada, mas distintas e seus nomes a partir deste momento passa a ser: a lionesa, a aquitânea, e a belga.

Inicialmente, Lyon dependia da cidade de Narbonne; ela era a cidade no início da colonização a mais desenvolvida tanto na economia como na política. A partir da divisão de Augustus, Lyon deixa de ser uma cidade dependente e toma o lugar da capital mais importante do Império Romano. Haja vista disso, a cidade torna-se tanto do campo político, social como econômico um centro de comércio com muita importância. Muitos imigrantes do Oriente, com suas famílias abastadas, comerciantes; que vinham das Cidades de Esmirna, Pérgamo e Filadélfia.

Além do Oriente o Ocidente também visitada, devido as semelhanças regionais, a terra gaulesa foi invadida pelos italianos. Sua invenção com imposição foi tão rápida que com o tempo a província foi perdendo a cultura gaulesa. Segundo Griffe¹⁰: “Já não exista mais aspectos regionais da Gália mais agora temos uma Itália que tomou força. Os impactos da dominação romana na região foram sentidos não somente no

⁸ Este codinome foi colocado devido a resistência do povo bárbaro que não deixou ser rendida pelo Império Romano.

⁹ HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de. **A Salvação do Homem na obra *Adversus Haereses de Santo Irineu***: um confronto de mentalidades: A visão de Irineu e do gnosticismo sobre o significado do ser humano. 105 p. Dissertação de Mestrado em Teologia. Belo Horizonte, 2012 p.14. “Cada região era governada por representante do imperador, como era costume no império, os países conquistados, apesar de terem o seu modo de vida respeitado, aos poucos eram levados a ‘romanização’”. Romanização é o termo usado para o território conquistados pelos romanos, que com o passar do tempo vai sendo imposto sua cultura e seus costumes aos habitantes do território conquistado.

¹⁰ GRIFFE, Élie. *La Gaule Chrétienne a L' époque Romaine - Des Origines Chrétiennes a La fin du IV Siécle*. Paris: Letouzey et Ané, 1964, p.20, apud HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de. **A Salvação do Homem na obra *Adversus Haereses de Santo Irineu***: um confronto de mentalidades: A visão de Irineu e do gnosticismo sobre o significado do ser humano. 105 p. Dissertação de Mestrado em Teologia. Belo Horizonte, 2012, p.13.

aspecto cultural e econômico, mas também religioso¹¹. Koester em seus estudos do Novo Testamento confirma dizendo:

Em geral, porém, a religião romana estava aberta a outros cultos e poderes religiosos até então desconhecidos e sua inclusão na religião oficial, ou pelos menos a destinação de um espaço para um altar ou um templo na cidade era uma atitude considerada apropriada e tomada com objetivo de assegurar as mercês desses novos deuses. A religião romana era sincretista já em sua forma mais antiga conhecida. Elementos etruscos (os haruspicia e a tríade das divindades suprema, Júpter, Juno e Minerva) haviam sido aceitos praticamente desde o princípio. Entre os Deus gregos, Apolo era cultuado já no século V a. C. Asclepio (Aesculapius) foi introduzido em Roma em 293 a. C. com o objetivo de eliminar uma praga¹².

Na própria cidade de Lyon encontramos capitólios em honra da tríade romana: Júpter, Juno e Minerva. Assim como o resto do Império, Gália e especialmente a cidade de Lião, foram invadidas também pelos cultos vindos do Oriente que tinha como culto: Cibele, Ísis e o deus persa Mitra, Marselha, Nîmes, Arles e Osíris (Deus sol) trazido pelos grupos do Egito.

1.2.1. A chegada do cristianismo em Lyon

O cristianismo vem com os imigrantes vindo da Ásia Menor. Também é importante ressaltar que a primeira igreja conhecida no Ocidente, depois de Roma, foi a Igreja de Lyon, que segundo a documentos históricos, foi fundada por volta dos anos 150 d. C¹³. Para Griffé: “a Igreja de Lião pertencia particularmente à Igreja de Esmirna”.¹⁴ Segundo a tradição esses, missionários foram discípulos de São João Evangelista. Também se tem notícias dos cristãos de Lyon devido ao documento

¹¹ GRIFFE, Élie. La Gaule Chrétienne a L ' époque Romaine - Des Origines Chrétiennes a La fin du IV Siécle. Paris: Letouzey et Ané, 1964, p.18. apud HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de. **A Salvação do Homem na obra *Adversus Haereses de Santo Irineu***: um confronto de mentalidades: A visão de Irineu e do gnosticismo sobre o significado do ser humano. 105 p. Dissertação de Mestrado em Teologia. Belo Horizonte, 2012, p.14.

¹² KOESTER, Helmed. Introdução ao Novo Testamento - 1: Cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005. p.367, apud HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de. **A Salvação do Homem na obra *Adversus Haereses de Santo Irineu***: um confronto de mentalidades: A visão de Irineu e do gnosticismo sobre o significado do ser humano. 105 p. Dissertação de Mestrado em Teologia. Belo Horizonte, 2012 p.15.

¹³ HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de. **A Salvação do Homem na obra *Adversus Haereses de Santo Irineu***: um confronto de mentalidades: A visão de Irineu e do gnosticismo sobre o significado do ser humano. 105 p. Dissertação de Mestrado em Teologia. Belo Horizonte, 2012, p.16.

¹⁴ GRIFFE 1964, p.25, apud, HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de, op. cit. p.14.

importante chamado de *Cartas dos Martires* que tem a direção para Ásia Menor e depois a Igreja de Roma.

Segundo Holanda¹⁵, “os cristãos Lioneses, embora formassem uma Igreja jovem, destacavam-se pelo seu fervor religioso. E pelo seu fervor a Igreja cativa pela sua fraternidade de humildade”. Na igreja congregavam-se indivíduos de todas as classes sociais e segundo a prática do cristianismo da época, esta igreja jovem atraiu vários seguidores que fazia parte das fileiras dos membros de famílias abastadas, nobres e fervorosa matronas romanas¹⁶.

1.2.2. O martírio dos cristãos de Lyon

A visão dos Romanos para com os cristãos no seu início era de forma negativa.¹⁷ A respeito do mundo greco-romano em relação aos cristãos lioneses e do mundo era uma situação de grande ameaça. “A primeira perseguição oficial do cristianismo que tem notícias aconteceu no ano 64 d. C. sob o comando de Nero. Os cristãos foram ‘bodes expiatórios’ usado por ele para tirar a culpa pelo o incêndio de Roma”¹⁸ e acusado de misantropia¹⁹. Esta acusação se dá pela sua concepção de culto que a cultura greco-romana tinha sobre os acontecimentos naturais. Se os castigos estão acontecendo é porque não se está prestando culto aos deuses e isso afeta a relação da humanidade social, política e econômica. E como os cristãos nadavam contra a corrente, o estado poderia estar vulnerável.

Em Lyon, os cristãos eram perseguidos pelos devotos da deusa Cibele²⁰ (a deusa do comércio), e que não aceitava a pregação dos cristãos ao falar dos falsos deuses e assim com todos os outros seguidores de outros deuses. E os cristãos

¹⁵ HOLANDA, 2012, p.16.

¹⁶ A matrona é um nome dado na Roma Antiga, a uma mulher que possuía a cidadania romana e tinha contraído casamento *sine manu* com um homem romano.

¹⁷ No início o movimento cristão era visto pelos romanos como mais uma seita que vinha do judaísmo. Logo as autoridades não se incomodavam muito com esta nova seita. Como o passar do tempo o cristianismo teve uma grande repercussão e seus costumes fizeram o povo greco-romano mudar os olhos. Principalmente na questão do culto, ética, moral e sacrifícios. Outra coisa era a vida em comum de várias classes sociais (Livres, escravos, homens, mulheres e crianças), como também negação de aceitar o imperador como seu Deus.

¹⁸ DANIÉLOU, Jean - MARROU, Henri. Nova História da Igreja - Dos primórdios a São Gregório Magno. Vol. 1. Petrópolis: Vozes Limitada, 1966 p.101-102 apud HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de, op. cit. p.17.

¹⁹ Refere-se a grupo humano que tem usos e costumes diferentes da sociedade.

²⁰ GRIFFE, Élie. La Gaule Chrétienne a L' époque Romaine - Des Origines Chrétiennes a La fin du IV Siècle. Paris: Letouzey et Ané, 1964, p. 35. apud HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de, op. cit. p.18.

sofrem muito nas mãos dos lioneses que os torturavam. Através da *Carta aos Mártires* e da obra de Eusébio na sua *História Eclesiástica* dá testemunho acerca destes mártires para conhece-los mandado à Ásia e à Igreja de Roma através do presbítero Irineu.

[...] As ilustres igrejas destas cidades me enviaram um relatório acerca de seus mártires às Igrejas da Ásia e da Frígia, registramos dos seguintes modos os eventos nelas ocorridos. Reproduzirei textualmente suas palavras “Os servos de Cristo, peregrinos em Vienne e Lião na Gália, os irmãos da Ásia e da Frígia, possuidores, como nós, da mesma fé e idêntica esperança na redenção. Paz, graça e gloria, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, Nosso Senhor. Em seguida, após algumas palavras de introdução, iniciam a narração da maneira seguinte: “não somos capazes de traduzir exatamente, nem é possível expressar por escrito a enorme tribulação que nos adveio, a veemente cólera dos pagãos contra os santos, os sofrimentos todos a que foram submetidos os bens aventurados mártires [...]”²¹.

A seguinte citação mostra a grande provação enfrentada pela Igreja Lioneses e o seu testemunho dado por Eusébio através dos tormentos enfrentados pelos mártires e que ele coloca nomes de testemunha como uma forma de testificar o documento como verdadeiro: Sancto (diácono de Vienne), Maturó (neófito), Blandina (Mulher de estatura frágil) e Átalo. Que foram jogadas as feras.

[...] Quando a Blandina, suspensa a um poste, estava exposta a ser devorada pelas feras lançadas contra ela. Ao vê-la suspensa numa espécie de cruz, rezando em alta voz, os lutadores aumentavam sua coragem. Neste combate, completavam com olhos corporais, em sua irmã, aqueles que foram por eles crucificado. Era um modo de persuadir, aos fiéis que têm parte eternamente com Deus vivo os que sofrem pela glorificação de Cristo [...]”²².

Através de Eusébio temos a informação que Irineu ficou responsável por levar a *Carta dos Mártires* para a Igreja de Roma a permanência dos cristãos na fé em Cristo.

²¹ EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. V, 1, 2-4 p.220-221. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística; 15).

²² Ibidem, V, 1, 41 p.229.

1.3. Irineu

1.3.1. Irineu, o presbítero

De acordo com SINGLES²³, Irineu já se fazia presente em Lyon nos anos 177 quando a perseguição aos cristãos estourou. Esta afirmação foi recolhida por Eusébio, que já o afirmou como presbítero:

Os mesmos mártires recomendaram também a Irineu, sacerdote da comunidade de Lião, ao bispo de Roma que acabamos de mencionar, dando a respeito dele muitos testemunhos conforme demonstram suas próprias palavras: Encarregamos de te entregar essas cartas nosso irmão e companheiro, Irineu, pedindo que o estimes enquanto zelador do testamento de Cristo. Se soubéssemos que a posição social traz justiça para alguém, nós o apresentáramos por primeiro enquanto sacerdote da Igreja, o que de fato é²⁴.

Também afirma que o significado dessa palavra ‘presbítero’ ainda não estava completamente definida. Em vários textos de Irineu ‘presbítero’ é sinônimo de bispo. Primeiro porque: quando os cristãos de Lyon confiaram a Irineu cartas serem entregues a Eleutério bispo de Roma, ele já era de chamado de ‘segundo bispo’ (ou presbítero) de Lyon, depois da morte de São Potino o primeiro bispo de Lyon e vítima de perseguições. A segunda hipótese afirma SINGLES²⁵: onde autores dos documentos destinados a Eleutério pediam ao bispo de Roma para reconhecer em Irineu presbítero a receber a ordenação episcopal. Mas isso veremos a frente.

Em vista destas informações, entende-se que Irineu era um presbítero muito influente no seio da Igreja de Lyon. Estas influências não partiam apenas pelo ministério, mas pelo testemunho, zelo pelo Evangelho e pelos ensinamentos que tinha recebido por Policarpo da tradição apostólica.

1.3.2. Irineu, o bispo

Depois de volta de Roma Irineu é surpreendido pela morte de Potino, o único bispo da Gália, que morreu na prisão no período da perseguição. Quando chega na

²³ SINGLES 2010, p.15.

²⁴ EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História eclesiástica**. V, 4, 1-2 p.238. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística; 15).

²⁵ SINGLES, 2010, p.15.

cidade ele é recebido como sucessor de Potino. Irineu se tornando o segundo bispo de Lyon, “cuidava apenas de sua Igreja local, mas trabalhava pela paz entre as Igrejas, escrevendo cartas aos indivíduos e aos chefes da Igreja sobre elementos da doutrina e de disciplina”.²⁶

E Irineu honrava seu nome, pois era pacificador, pelo nome e pela conduta: é assim que ele exortava e negociava pela paz das Igrejas. Ele se comunicava por carta não somente com Vítor, mas também com grande número de diferentes chefes da Igreja, sobre coisas análogas, referentes à questão agitada entre eles. Pastor e homem da paz, Irineu também é escritor, precisamente para desempenhar seu papel de bispo e não por gostar de especulação.²⁷

1.3.3. Irineu, o teólogo

Santo Irineu nunca se considerou um grande intelectual ou conhecedor das culturas:

Não procures em nós, que vivemos entre os celtas, e que na maior parte entre os celtas, e que não maior parte só tempo usamos uma língua barbara nem a arte de palavra, que nunca aprendemos, nem a habilidade do escritor em que nunca nos exercitamos, nem a elegância da expressão, nem a arte de convencer, que desconhecemos. Mas, na verdade, na simplicidade e na candura aceitarás com amor o que com amor foi escrito e desenvolvê-lo-ás por tua conta, visto que és muito mais capaz de nós. Depois de receber de nós o como semente e princípio, fá-lo-ás frutificar abundantemente ²⁸.

Percebe-se em suas obras um pouco de influência do pensamento grego, tanto na sua forma de escrever como na construção de seus discursos. Este processo se deu desde que deixou a sua família para receber formação intelectual na capital de Roma, onde conviveu com Justino²⁹. Sendo assim os traços da formação de Irineu era greco-romana. Por isso sua obra demonstra seu conhecimento sobre a cultura e literatura de ambas ao elencar em suas escritas nomes como o de Homero, Ulisses, Menelau, Agamenon e o famoso Hercules³⁰. Também recebeu influência do bispo da Ásia, em especial de Policarpo, Inácio e Papias. E Papias era o bispo de Hierápolis e

²⁶ SINGLES, 2010, p.16.

²⁷ EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000 p.70, apud SINGLES, Donna, 1928-2005. **A glória de Deus é o homem vivo: Profissão de fé de Santo Irineu**. São Paulo, Paulus, 2010, p.12.

²⁸ IRINEU, Santo, Bispo de Lião, Livros IV. 20,7, p.433. **Coleção Patrística**. São Paulo, Paulus, 1995. (Patrística 4). p.31.

²⁹ SINGLES, 2010, p.14.

³⁰ IRINEU, op. cit, I, 9,4 p.60.

teria sido amigo de Policarpo. Não é uma certeza que tenha conhecido, mas é fato que sua obra tem uma grande influência sobre o modo de pensar de Irineu.³¹

1.3.4. Escritura e Tradição

A tradição para Irineu, era uma transmissão dos conteúdos básicos da fé a todos os cristãos, através dos apóstolos e seus sucessores. E por meio da sucessão acontecia a transmissão apostólica. As igrejas fundadas pelos apóstolos passavam às outras Igrejas essas verdades. Desta forma, existia fidelidade à *Regula Fidei* que está presente no Símbolo. Este símbolo refere-se ao Credo apostólico professado pelas as Igrejas em todo o mundo primitivo. Atesta SINGLES³²: “que o centro de seu pensamento e de sua prática pastoral havia a grande preocupação de manter intacta a tradição recebida pelos apóstolos. Era preciso manter sempre diante dos olhos da fé a Ressureição como verdade central da tradição apostólica.

Como a tradição, a Escritura foi outra fonte para o ensinamento de Santo Irineu. Para ele a Escritura toda é a Palavra de Deus e o Antigo e o Novo Testamento forma uma unidade. No Antigo Testamento a uma previsão de que tudo se cumpriria em Cristo e na Igreja. Desta forma ele interpreta a Escritura a partir da história da salvação. Sendo assim método teológico parti de uma ponte; é que a Escritura e a tradição eram as fontes especiais do método. A Escritura sempre compreendida à luz da Tradição e a Tradição, a partir da Escritura. Na Tradição temos uma mantenedora dos ensinamentos transmitidos por Jesus aos apóstolos. E na Escritura os dois Testamentos fundamentas as verdades de fé ensinada pela tradição.

Tendo como base do método a Escritura e a Tradição, Vila Nova³³ leva em consideração os três métodos seguintes. O primeiro está marcado pelo gênero anti-herético no que se explicará posteriormente. O segundo que está em responder os questionamentos lançados por esses sistemas e as doutrinas vindas dele, como o dualismo na criação, na divisão entre os homes espirituais, psíquicos e carnis³⁴ e o problema da salvação no gnosticismo. E o terceiro sua antropologia e soteriologia;

³¹ DUFOURCQ, Albert. Saint Irénée. Paris: Librairie Victor Lecoffre, 1904. p. 60-61 apud HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de, 2012, p.28.

³² SINGLE, 2010, p.18.

³³ VILA NOVA, Evangelista. *Historia de la teologia Cristiana - De las origines al siglo IV*. Barcelona: Editorial Herder, 1987. p.182.

³⁴ ³⁴ IRINEU, Santo, Bispo de Lião, Livros IV. 20,7, p´.433. **Coleção Patristica**. São Paulo, Paulus, 1995. (Patristica 4). p.111-113.

onde a centralidade da história está marcada no plano da salvação. Desta forma, demonstra a salvação como projeto desejado por Deus para toda a humanidade. “Tal plano começou com Adão, teve sua realização plena na Pessoa de Jesus Cristo e ganhou visibilidade por meio da Igreja”³⁵.

1.4. Movimento Gnóstico no Século II e sua influência no cristianismo

A palavra ‘gnose’ (gnōsis) é um vocábulo grego que designa “conhecimento”, mais especificamente um ‘conhecimento metafísico’ ou ‘espiritual’. O cognome ‘gnóstico’ é um tanto genérico quando se trata dos integrantes das ‘seitas’ cristãs, porque o gnosticismo abarca diversas tendências, mas foi utilizado pelos líderes eclesiásticos, como Irineu, para categorizar diversos ‘heréticos’. “O gnosticismo cristão seria um sistema filosófico-religioso, originário da Ásia Menor entre os anos 80 e 150, o qual reporta a diversas tradições religiosas e filosóficas antigas, em especial à ciência sagrada do Egito (hermetismo), ao dualismo persa, à filosofia grega (em especial à neoplatônica), assim como ao cristianismo e ao judaísmo”³⁶.

O gnosticismo contemporâneo das origens cristãs é, portanto, um “conhecimento perfeito”, obtido por revelação e iluminação ao longo de uma experiência interior. Essa revelação proporciona a salvação, entendida como uma regeneração ou como retorno do gnóstico a seu eu original e ao princípio divino que o constitui, apesar de seu exílio no mundo material decaído que tenta apanhá-lo em sua armadilha. O gnóstico não é verdadeiramente deste mundo. Nele, só o homem interior e espiritual é capaz de salvação, o corpo nem a alma inferior³⁷.

Sendo a gnose cristã um ‘conhecimento espiritual’ de um ser humano divinamente inspirado, em geral os gnósticos apregoavam possuir uma gnose que transcendia à da *ekklésia*, por responder a inquietantes perguntas, tais como: ‘de onde o mal surgiu?’, ‘qual é a origem do cosmos’.³⁸ A base do sistema gnóstico era dualista: o bem e o mal se digladiavam constantemente. Segundo o ‘gênesis’ gnóstico, um

³⁵ HOLANDA, 2012 p. 34.

³⁶ CAMPOS, Ludimila Caliman. O poder polarizado: o mestre da fé apostólica na ekklesia “ortodoxa” a partir do *Contra as Heresias de Irineu de Lião*. **Revista Plethos**. Vol.2, n.1, ISSN: 2236-5028. Universidade Federal do Espírito Santo, 2012, p.131-132. Disponível: <<http://www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/vol2num1/10ludimila.pdf>>. Acesso em: 15/ 07/ 2018.

³⁷ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, J. **Histórias dos dogmas: O Deus da Salvação (séculos I – VIII)**. tomo 1. 3ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002. p.38.

³⁸ CHADWICK, 1967, apud CAMPOS, Ludimila Caliman, 2012, p.132.

Deus supremo³⁹ havia dado origem ao cosmos e aos espíritos (Éões) por meio de emanção. No entanto, os Éões, ao quebrarem o Pleroma (a comunhão entre Deus e os Éões), afastaram-se de sua origem divina ao se unirem à matéria, própria do reino do mal. Assim, o mundo visível teria surgido por meio da obra do Demiurgo (o Criador), identificado como Iahweh, no Antigo Testamento, ou mesmo como um Éon decaído. Na história da salvação, Jesus Cristo teria sido um ser espiritual (Éon) que assumiu um corpo aparente em Jesus de Nazaré. Ele havia sido encarregado de transmitir a verdadeira gnose aos homens, ensinando-lhes o modo de se separar da matéria e de retornar ao mundo luminoso de Deus.

A partir da descoberta dos 52 tratados gnósticos chamada de *biblioteca de Nag Hammadi*⁴⁰ encontrada no Alto Egito entre os anos de 1945 e 1946 uma favorável pesquisa que deu uma grande compreensão sobre o movimento dos gnósticos⁴¹. No entanto, a algumas lacunas com relação aos gnósticos e suas práticas culturais.

Segundo Elaine Pagels (2006), todas as seitas gnósticas eram dotadas de uma cerimônia de iniciação. Tal rito possibilitava uma transposição da *pistis* (fé) para a *gnosis* (conhecimento), visto que, se a verdadeira natureza do homem era divina, o ser humano deveria voltar à essência da divindade libertando-se da materialidade. No início da reunião gnóstica entre os iniciados, os membros tiravam a sorte para descobrir sua função dentro da cerimônia, pois criam que, se Deus governava todo o universo, tirar a sorte deveria exprimir a sua vontade. Quem fosse sorteado no dia poderia ser o bispo; outro, o profeta; outro, o mestre; e assim sucessivamente. Então, em vez de classificarem os membros em “ordens” hierárquicas, superiores e

³⁹ “Éão perfeito, anterior a tudo, que chamam Protoprincípio, Protopai e Abismo”. IRINEU, *Contra as heresias*, op. cit., p. 31

⁴⁰ É uma coleção de textos gnósticos do cristianismo primitivo (período que vai da fundação até o Primeiro Concílio de Niceia em 325 d.C.) descoberta na região do Alto Egito, perto de Nag Hammadi em 1945. Encontrada pelo camponês que se chamava Mohammed Ali Samman, a jarra estava selada e continha uma boa quantidade de papiro enrolado com couro.

⁴¹ Os textos de *Nag Hammadi* estão divididos em códices escritos em copta, na sua maioria, embora todos os trabalhos sejam traduções do grego. Tais códices estão organizados em 13 seções. Codex I: *A oração do apóstolo Paulo; Apócrifo de Tiago; O Evangelho da Verdade; Tratado sobre a ressurreição; e Tratado tripartite*. Codex II: *Apócrifo de João; Evangelho de Tomé; Evangelho de Filipe; Hipóstase dos Arcontes; Sobre a origem do mundo; Exegese da alma; e Livro de Tomé, o adversário*. Codex III: *Apócrifo de João; Livro Sagrado do Grande Espírito Invisível; Eugnostos, o abençoado; Sophia de Jesus Cristo; e Diálogo do Salvador*. Codex IV: *Apócrifo de João; e Livro Sagrado do Grande Espírito Invisível*. Codex V: *Eugnostos, o abençoado; Apocalipse copta de Paulo; Primeiro Apocalipse de Tiago; Segundo Apocalipse de Tiago; e Apocalipse de Adão*. Codex VI: *Atos de Pedro e os 12 apóstolos; O Trovão, Mente Perfeita; Ensinaamentos autorizados; O conceito de nosso grande poder; A República de Platão (versão alterada com conceitos gnósticos); Discurso sobre a Ogdóade e a Enéade; Prece de ação de graças; e Asclépio 21-29*. Codex VII: *Paráfrase de Sem; Segundo tratado do grande Sete; Apocalipse gnóstico de Pedro; Ensinaamentos de Silvano; e As três estelas de Sete*. Codex VIII: *Zostrianos; e Carta de Pedro a Felipe*. Codex IX: *Melquisedeque; O pensamento de Norea; e Testemunho da verdade*. Codex X: *Marsanes*. Codex XI: *Interpretação do conhecimento; Exposição Valentiana; Alógenes; e Hypsiphrona*. Codex XII: *Sentenças de Sexto; O Evangelho da Verdade; e Fragmentos*. Codex XIII: *Protenóia trimórfica; e sobre a origem do mundo* (MEYER, 1984). Apud CALIMAN, Ludimila, Campos, op. cit., p. 133

inferiores, eles seguiam o princípio de igualdade absoluta na comunidade, inclusive igualdade de gênero em alguns círculos gnósticos [...].⁴²

Demonstrando o zelo pelos seus, Irineu coloca alguns ensinamentos a um amigo a respeito do objeto, que é salvaguardar a fé Apostólica. Ele afirma:

[...] E, assim, ao responder ao teu desejo, já antigo, de conhecer as doutrinas deles [dos gnósticos], não somente nos esforçamos para to manifestar, mas também para fornecer-te os meios para demonstrar a sua falsidade. Assim tu também, esforçar-te-ás por ajudar os outros, conforme a graça que te foi concedida pelo Senhor, de forma que os homens já não se deixem induzir ao erro pela doutrina capciosa deles [...].⁴³

Não se sabe quando exatamente a data precisa do surgimento do gnosticismo, o que se sabe é que o ponto inicial se deu por volta do século I depois de Cristo. Para alguns, o movimento seria ainda mais antigo e vem de tempos indatáveis. Nota-se que existiam ramificações do movimento tanto no cristianismo como no judaísmo e até no mundo pagão. Também não tem uma pista de que tenha sido o fundador. “Irineu, seguindo algumas pegadas de outros autores eclesiásticos, afirmou, que, segundo uma antiga tradição, o gnosticismo teve sua origem com Simão, o mago, que queria comprar o poder de curar dos Apóstolos (At 8,18-20)”⁴⁴.

Os escritos joaninos já polemizam com os primeiros gnósticos cristãos: o Apocalipse menciona os nicolaítas (Ap 2,6 e 15). João, segundo Irineu, encontrou Cerinto em Éfeso; Saturino ensinou em Antioquia. Mas tarde Irineu reconstituirá uma genealogia da gnose que se transmitiu por tradição secreta de mestre a discípulo desde Simão Mago (cf At 8), via Menandro, Saturino, Basíledes e Isidoro. De igual modo, Epifânio é filho de Carpócrates. Essa reconstituição [...] representa bem, contudo, o funcionamento da gnose⁴⁵.

Todavia com avanço históricos e tecnológicos da atualidade, entende-se que a tradição afirmada por Irineu não tem plena veracidade em situar o movimento religioso antes de Cristo⁴⁶. No entanto, não se pode negar que o movimento nasceu do encontro das religiões de mistério do Oriente, do helenismo, cristã e judaica. Com tanta junção gera-se uma grande confusão sincrética e se levantando como uma

⁴² PAGELS, Elaine (2006). Os Evangelhos Gnósticos. Rio de Janeiro: Objetiva. *Apud* CALIMAN, Ludimila, Campos, op. cit., *Ibidem*.

⁴³ IRINEU, Contra as heresias, op. cit., introdução 3. p. 31

⁴⁴ HOLANDA, Erasmo Carlos, op. cit., p. 36

⁴⁵ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, J, op. cit., p. 39

⁴⁶ BIHLMEYER, Karl – TUECHLE, Herman. História da Igreja- Antiguidade Cristã. São Paulo: Edições Paulinas, 1963. p. 147-148.

grande ameaça ao cristianismo primitivo. Embora o gnosticismo tenha se tornando uma ameaça aos cristãos, ela ganhava força em meio as crises políticas, religiosas e morais. Sua influência filosófica estava tendo grande poder, embora complexo, ao mesmo tempo era atraente e se tornava entretenimento para aqueles que estava famintos pela verdade. As doutrinas gnósticas que se desenvolveram no séc. II e III d.C.95 dissociam a criação da redenção, falando de geração em vez de criação⁴⁷ e substituindo a soteriologia histórica (bíblica) com uma atemporalidade tipicamente mitológica.

Alguns grupos atraentes gnósticos são citados por Irineu como, *Simonianos, Nicolaítas, Ofitas, Naazenos, Setianos, Peratas, Basilidianos, Caropocratianos, Valencianos, Marcosianos*) e mestres (*Simão, Cerinto, Basíledes, Carpócrates, Cerdão, Valentim, Tolomeu, Teodato, Herácleo, Bardesanes*; que são os grandes basilares para à difusão e entretenimento aos investigadores da verdade. No entanto dedicaremos apenas em dois grupos que foram protagonistas de grande expansão do gnosticismo que será visto posteriormente: os Marcionismo e Valentinianos.

1.4.1. O Orfismo: uma corrente filosófica-religiosa que influencia a doutrina gnóstica

Corrente vinda da filosofia-religiosa do Oriente tem sua grande relevância para o pensamento gnóstico.

O órfismo coloca-se numa posição intermédia entre a comum religião “olímpica” (com a sua mitologia homérica e esiodea) e uma religião mística, alimentada por ritos iniciáticos e interesses soteriológicos. Ao mesmo tempo, situa-se entre religiosidade popular (feita de práticas mágicas e que envolviam tantos indivíduos como cidades inteiras) e religiosidade erudita, uma “teosofia”, que constituía uma filosofia e teologia de elite. Por vezes pode ser considerado uma ponte entre a mentalidade religiosa grega e a barbara⁴⁸.

⁴⁷ A “geração” concebe um mundo que vem a existência por emanção (através de sucessivos intermediários) desde um princípio mau e segundo um mecanismo necessário e infinito que pressupõe uma matéria preexistente e eterna. J. L. R. De la Peña, *Teología de la creación*, p. 95

⁴⁸A existência de um “orfismo” é discutida entre os que negam a possibilidade de individualizar um conjunto de crenças e de práticas no âmbito religioso grego e outros que, defendendo uma corrente unitária e coerente de concepções “misteiriosóficas”, declaram o orfismo uma religião e uma Igreja. Na verdade, o orfismo é em primeiro lugar uma literatura, que viu a sua mais rica expressão na Atena de Pisistrato, no séc. VI a.C. (U. BIANCHI, Prometeo, Orfeo, Adamo, 129-130). Apud: CONT, Alessandro. A Antropologia de Santo Irineu, como resposta à doutrina gnóstica, Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia, Mestrado integrado em Teologia (1º grau canônico) p. 32

Uma das coisas mais importantes na doutrina órfica, é o conceito de purificação. Chamado de um orfismo erudito, acreditava em uma necessidade de se purificar para resgatar a alma da contaminação com as coisas a elas estranhas e impuras. Esta necessidade abarcava todo os indivíduos e uma cidade inteira e tinha seu valor seja para os benefícios terrenos ou para o ultraterreno. Quem não buscava a purificação, estavam correndo o risco de ser condenado a descer no Ade ou na reencarnação de um corpo inferior⁴⁹. Os purificados, pelo contrário, recebiam um prêmio que consistia num ‘banquete de puros’, numa vida de inebriação estática eterna.

Um traço característico do pensamento órfico é a condenação do corpo, expressa na doutrina do σῶμα-σῆμα (corpo-tumulo)⁵⁰ A vida da alma no corpo é vista como uma punição, pois a dimensão física torna pesada a alma e contamina-a. Segundo esta concepção, o corpo seria (ainda que não propriamente um ‘tumulo’) uma realidade que prende a alma e a ‘toma em custódia’ (apontando, com esta expressão, quer ao seu sentido positivo de proteger e guardar, quer ao sentido negativo de cativar).

A Antropologia órfica pressupõe que o homem, marcado por uma contradição essencial, é exemplificação, por um lado de um dualismo irreconciliável entre o corpo (que é ‘custódia’, mas também prisão) e a alma, por outro lado de uma tendência monista que se reflete na aspiração da alma a um retorno e a uma reintegração, uma vez liberta do corpo, no mundo divino⁵¹

A partir disso, entende-se um pouco das fontes utilizadas pelos gnósticos; é claro que os órficos têm um fator misteriológicos e não insiste no ‘ver’, mas no “conhecer”, remete para aquele conhecimento místico que, no mundo tardo-antigo, se apresenta com o nome de “gnose”.

⁴⁹ Princípio próprio do orfismo é a doutrina da μετεμψύχωσις (μετεμψύχωσις, (meta “além de”, psiquê “alma”) , segundo a qual a alma (imortal) ficaria submetida a um julgamento depois da morte terrena, que decidirá, segundo o grau de reminiscência das coisas vistas no mundo divino, a categoria humana na qual vai se reencarnar. O ἀνάγκη (o destino) condena assim o homem a um ciclo de reencarnação, mas cada alma é responsável na escolha da vida posterior. O próprio Platão testemunha esta concepção órfica (cf. PLATÃO, Fedon, 70 c, Les Belles Lettres, Paris, 1952, 2223; PLATÃO, Fedro, 248 c-d, 42; PLATÃO, República, X 617 b, 118). Apud CONT, Alessandro, op. cit., p. 32

⁵⁰ Id, 2017, p. 33

⁵¹ Id, 2017, p. 33. Apud. U. BIANCHI, La religione greca, UTET, Torino, 1975, 45-46.

1.4.2. Marcião

Um relevante teólogo herético do século II. Poucas informações sobre o teólogo encontrada. Entretanto, por fontes indiretas, opositores, encontra-se algumas coisas.⁵² Nascido em Sínope, discípulo de Cerdão⁵³ muda-se para Roma, onde durante muito tempo foi membro dessa Igreja tendo doado a ela grande parte de seu patrimônio. No ano de 144 d. C, foi excluído da comunidade cristã devido às suas ideias e teve seus bens devolvidos integralmente. Segundo seu pai, “se não tivesse desviado o caminho se tornaria bispo”⁵⁴ e ao fazer fortuna acabou com tão grande graça. Posteriormente, fundou sua própria Igreja por onde ficou conhecido pelos seu antissemitismo.

A doutrina baseava-se em pregar sobre a pureza da mensagem genuína e original de Jesus, pois considerava que a mensagem cristã de seu tempo teria deturpado a originalidade da mensagem. O núcleo da mensagem consistia: na redenção do homem, realizada, por pura misericórdia de Deus em Jesus Cristo. Desde aquele momento ele tinha em mãos a Sagrada Escritura da cristandade de seu tempo. Assim sendo, logo negou a relação do Antigo Testamento e excluía o Cânon das Escrituras. Sua negação parte do pressuposto que no Antigo Testamento o Deus apresentado é um Deus Juiz poderoso, justo, mas também colérico, cruel, volúvel, mesquinho. Em vista disso, este não pode ser o Pai de Jesus Cristo.

Marcião, como os demais mestres gnósticos, acreditavam em um Deus desconhecido. E acreditava com toda sua força que o Pai de Jesus era totalmente diferente do Deus do Antigo Testamento. Desta forma todos os cristãos devem rejeitar o Antigo Testamento. Com essa afirmação ele cria o caráter dos dois deuses: uma é expresso do Evangelho e o outro na Lei. O primeiro é benigno, o segundo é justo; o primeiro é Salvador e o segundo é Juiz; um revela sua essência enviado pelo próprio Filho e o outro criado este mundo decadente. Para Marcião o diferencia os dois deuses se dá através do seu manifestar ao homem. Por ser homem a criatura de Deus criado a sua “imagem e semelhança” é feito sua ‘substancia’. No entanto este Deus permite que sua criatura desobedeça à Lei e ganha como mérito a morte⁵⁵. Já o outro Deus,

⁵² BERARDINO, Di Ângelo. Dicionário patrístico e da antiguidade cristã. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2002. p. 881

⁵³ FEDALTO, Giorgio; SIMONETII. Literatura patrística. Ed. Ave Maria. São Paulo, 2010. p.1182

⁵⁴ Id, 2002.p. 881

⁵⁵ Id, 2002. P. 881

ao contrário, sem nem uma obrigação para com os homens, que são seres de um outro Deus, tem misericórdia, fazendo por anunciar sem nenhum castigo, mas a remissão dos pecados. Que crer nisso será liberto do legalismo. E assim da alguém crer a possibilidade da vida nova, sem temor, assombro diante do amor e da bondade de Deus.

Sobre sua ética, existe uma certa exigência e bem rigorosa, uma ascese. Aqui aparece bem um gnosticismo, no entanto para alguns, Marcião pode não ser do ramo dos gnósticos. No entanto este entendimento foi ultrapassado. E esta prova está em sua renúncia voluntária matéria, a estrutura deste mundo, e as suas tentações. Para ele o matrimônio era uma forma negativa de se viver. Por isso levanta a abstinência ao matrimônio e a procriação, para não continuar o mundo decaído de Deus Criador. Em Jesus Cristo a obra ganha um novo sentido, consiste apenas no anúncio deste perdão e deste amor de Deus.

Segundo seus ensinamentos, Jesus tinha apenas tomado a aparência de homem⁵⁶, tendo manifestado aos habitantes da Judeia, abolindo todos os ensinamentos e observância da Lei Judaica e do Antigo Testamento, logo rejeita a ressurreição da carne. Essas leis e preceitos foram dados pelo deus que havia criado o mundo, o assim chamado cosmo-criador (Cosmocrátor)⁵⁷. Na divisão do Cânon feita por ele, aceitou somente a parte a parte do evangelho de Lucas e rejeitou os outros. Ainda cortou dos escritos paulinos todas as citações tiradas do Antigo Testamento e toda analogia feita por Paulo entre o Antigo Testamento para falar de um salvador. O ano da morte de Marcia

1.4.3. Valetim

Outro teólogo herético gnóstico do século II. Ele tem origem egípcia, foi educado em Alexandria e antes de chegar a Roma por volta do ano 140 d. C., já tinha feito propaganda dos seus ensinamentos no Egito. Foi a Roma no pontificado de Higínio, onde chegou a ter algum sucesso e ficou aí até ao pontificado do Papa

⁵⁶ Docetismo é uma heresia do século II, afirmava que a união de Jesus Cristo era apenas acidental, aparente (δοκεῖν: dokein, aparecer), limitada no tempo. Aponta que o Cristo celestial abandonou a Jesus antes da Paixão, Jesus apenas aparente. Esta origem foi refutada por Paulo (1 Cor 1,23). IRINEU, Bispo de Lyon. Demonstração da Pregação Apostólica. São Paulo, 2014. Ed. Paulus. p.22

⁵⁷IRINEU, Contra as heresias. Op. cit., I, 27,2 p. 109

Aniceto. Depois de abandonar a ortodoxia, chegou ao ponto de fundar a sua própria escola, difundindo a sua doutrina. Mais tarde, foi a Chipre.

Sobre sua obra, só se conservaram alguns fragmentos recolhidos principalmente por Clemente de Alexandria⁵⁸, os quais não são suficientes para reconstruir as suas grandes linhas de pensamento. Também é considerado um teólogo bíblico que sofre a influência platônica e distância dos limites da ortodoxia cristã. Sobre ele, escreve Irineu:

[...] Valentim é o primeiro a adaptar as doutrinas tiradas das heresias gnósticas, ao caráter próprio da sua escola que fixou assim: há uma Díada inefável, um dos elementos chama-se Inexprimível e o outro Silêncio. Esta Díada emitiu outra Díada, um elemento dela chama-se o Pai e o outro a Verdade. Esta Tétrada frutificou o Logos e a Vida, o Homem e a Igreja: eis então a primeira Ogdóada. Do Logos e da Vida emanaram dez Potências: uma delas se afastou, foi degradada e fez o restante da obra da fabricação. Valentim estabelece depois dois Limites, um situado entre o Pleroma e o Abismo separando os Eões gerados do Pai ingênito e o outro separa a sua Mãe do Pleroma. E Cristo não foi produzido pelos Eões que estão no Pleroma, mas pela Mãe que estava fora dele e o gerou segundo a lembrança que tinha das realidades superiores, mas não sem uma certa sombra [...].⁵⁹

Com esta afirmação temos um resumo do pensamento valentiniano: o *Pleroma* divino está composto de 30 eões, unidos aos pares (*sizígias*), que estão conjugados entre si; as quatro primeiras emanações são as mais importantes e formam a *Ogdóada* primordial; dela formam-se os demais eões. A unidade dos dois elementos da *sizígia* é apresentada como modelo da unidade que foi quebrada pelo pecado, simbolizado pela separação sexual de Eva e Adão, e que o homem espiritual deve reconstruir, tornando a unir-se com seu pai celeste. A Teoria das emanações está bem presente nos valentinianos, onde as coisas vão surgindo umas através das outras, neste caso é através da *Díada* inefável que sucessivamente gera as outras, como por exemplo o Logos e a Vida, o Homem e a Igreja, conjunto que forma a primeira *Ogdóada*. Com a proliferação dos eões, os mesmos vão-se degradando; por isso, segundo os valentinianos, vai-se criando um abismo entre o *Pleroma* e os eões gerados do Pai. A economia valentiniana aborda a pré-história das atividades divinas sobre o mundo sensível mediante as teorias do *Pleroma*, onde também, num dado momento se

⁵⁸ Os escritos da biblioteca de *Nag Hammadi*, apresentam características doutrinárias possivelmente ligadas a Valentim: *O Evangelho da Verdade, tratado tripartite, Evangelho de Filipe*. BERARDINO, Di Ângelo. Dicionário patrístico e da antiguidade cristã. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2002. p. 1399

⁵⁹ IRENEU, *Contra as Heresias*, op. cit., I, 11, 1 p. 64

iniciava a vida. O Unigénito tem o seu princípio no pensamento e na vontade de Deus.⁶⁰

Seguidamente: “Sendo Cristo masculino, tirou de si mesmo a sombra e voltou para o *Pleroma*”.⁶¹ Sendo assim, Cristo não é produzido pelos eões que estão no *Pleroma*, mas sim pela Mãe que está no *Pleroma*. Para os valentinianos o Cristo superior é fruto da primeira emissão de *Sophia*, que abandona a Mãe fora do *Pleroma* e entra com os elementos espirituais no *Pleroma*.

O Cristo superior, Cristo Espiritual envia mais tarde a sua Mãe ao Salvador que é Jesus, mas não o Cristo, para a consolar. Segundo os valentinianos, o *Pleroma* descera no dia do Batismo e mais tarde ausentou-se antes da paixão de Jesus, isto é, segundo eles, não houve a paixão de Jesus, o Cristo, mas sim só de Jesus.

Segundo os discípulos de Valentin, “o mundo” não foi feito pelo Verbo, mas pelo Demiurgo. Desta forma, o Verbo fazia que as coisas fossem semelhantes às do mundo superior e o Demiurgo cumpria a obra da criação.⁶² Com esta afirmação, fica claro a não participação do Verbo na Criação. Ou seja, à uma distinção entre Deus Superior e seu Filho. Só o Filho pode compreender os movimentos da expansão e redução: como o *Pleroma* de 30 eões, como Unigénito *Nous* e como síntese deles, o *Primogénito*.⁶³

Para os valentinianos, a formação do Filho procede paulatinamente da emanação dos eões componentes do *Pleroma*. O processo divide-se em três partes: a) origem e desenvolvimento, por pares, das futuras virtudes ou formas pessoais do Filho; até trinta emanações; b) o drama do *Pleroma* em ordem inversa, a partir do último ião até o *Logos*; a expressão da “*amarfa*” criatura, substrato da futura pessoa do Filho; c) fim e superação do drama: o *Pleroma* (Filho) é pessoalmente definitivo, e juntamente expulso da matéria *amorfa*. Este é o momento da formação pessoal do Filho.

Os valentinianos, segundo Irineu, não admitem a Encarnação do Filho de Deus no seio de Maria.

⁶⁰ ANTONIO ORBE, *Hacia la primera teología de la procesión del verbo: Estudios valentinianos, I/1*, Pontificia Universita Gregoriana, Roma, 1958, 128-130. Apud. JÚLIO, José Forte. Credibilidade do Cristianismo no Adversus haereses de Ireneu de Lião. Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia, Lisboa, 2014. p. 37

⁶¹ IRENEU, *Contra as Heresias*, op. cit., I, 11,1 p. 65

⁶² Id., op. cit., I, 11,2 p 65-67

⁶³ ANTONIO ORBE, *Cristología Gnóstica: Introducción a la soteriología de siglos II y III*, BAC, Madrid, 1976, p.48. apud. JÚLIO, José Forte. Credibilidade do Cristianismo no Adversus haereses de Ireneu de Lião., op. cit., p. 38

Segundo os hereges, porém, o Verbo não se fez carne, nem o Cristo, nem o Salvador de todos. E sustentam até que o Verbo e o Cristo não vieram a este mundo e que o Salvador não se encarnou e padeceu, mas que desceu, na forma de pomba sobre o Jesus da economia e, depois de ter anunciado o Pai incognoscível, voltou para o Pleroma. Para alguns, quem se encarnou e padeceu foi o Jesus da economia, depois de ter passado por Maria, como a água por um tubo; para outros, foi o Filho do Demiurgo, no qual desceu o Jesus da economia; para outros ainda, Jesus nasceu de José e de Maria e nele é que desceu o Cristo do alto, sem carne e impassível.⁶⁴

Como podemos ver, trata-se de uma Encarnação *sui generis*: de um homem psíquico, que é o Messias, filho do Demiurgo, que já tinha sido anunciado pelos profetas do Antigo Testamento e outro homem pneumático, que é consubstancial ao Criador, e não tem nome pessoal, é o Filho do Espírito Santo.⁶⁵ Com o passar do tempo a escola valentiniana dividiu-se em dois ramos: o ramo itálico: que pertencem Heracleão, Ptolomeu e Florino; ao ramo oriental: Teódoto e Marcos.

⁶⁴ IRINEU, *Contra as Heresias*, III,11,3 p. 279

⁶⁵ ORBE, Antonio, *Cristología Gnóstica*, p.515

CAPITULO 2: ANTROPOLOGIA DE IRINEU

O conhecimento do homem em Irineu é uma contraposição aos gnósticos, sendo assim, ele cria um antropocentrismo cuja a força está no teocentrismo, onde não há um dualismo, mas apenas a bondade do Deus criador. Dentro desta reflexão será exposto a doutrina da salvação de Irineu, onde responderá todas as questões gnóstica a respeito à Criação, Homem, Encarnação, Salvação; esta refutação será tirada dos livros IV e V.

2.1. A obra criadora de Deus

A doutrina criação para o Bispo, como tudo que existe, vem do plano de amor de Deus para os homens. Para ele a criação não foi fruto de nenhuma confusão, ou acidentes divinos; ela foi, antes de tudo, um ato livre do amor de Deus⁶⁶. Assim sendo, Deus não criou porque precisava criar ou tem necessidade desse ato, e nem por uma divisão interna; ou inda, briga com a divindade saída dele. Ele criou unicamente porque ele é livre e ama.

Irineu recorda que, desde o começo do mundo, Deus vivia uma relação intensa de amor. Esta relação, se dava na intimidade dele com o Verbo e do seu Verbo com Ele. o Verbo glorifica o Pai e o Pai glorifica o Verbo. Assim não existia nem uma carência em Deus ou nada foi feito para esta. Tal afirmação, evoca o mundo pagão, onde as coisas eram feitas pelos deuses para completar as lacunas de si ou de alguma confusão. Mas nas Escrituras judaico-cristãs, Deus cria livremente. Por isso Deus não precisa do serviço dos homens ou do serviço do criado.

Também o Santo, confirma que, além da total gratuidade de Deus ao criar, Ele já criou o homem a salvação.⁶⁷ Em vista disso a obra da criação, além de ser gratuidade de Deus, foi obra direta dele; Deus não criou através de anjos ou por uma divindade superior a Ele⁶⁸. Deus é único criador de tudo. E a própria criação aponta para seu criador.

[...] Por enquanto, basta-nos assinalar o consenso de todos os homens, ao começar pelos antigos, que receberam do primeiro homem a tradição, guardaram-na e cantaram hinos aos Deus único, criador do céu e da terra e,

⁶⁶ IRINEU, *Contra as Heresias*, op. cit., II,1,1 p.126 e IV, 20,1 p. 427

⁶⁷ Axioma: "Deus cria salvando e salva criando". Usados pelos os teólogos modernos.

⁶⁸ IRINEU, *Contra as Heresias*. op. cit., II, 2, 1-3 p 129-130

m seguida, pelos outros que vieram depois deles, aos quais os profetas de Deus relembram continuamente esta verdade, e pelos pagãos que aprenderam da própria criação. Ela mostra quem criou, a obra aponta o seu autor, o mundo revela quem o pôs em ordem [...] ⁶⁹.

Desta forma, percebe-se que não existe na criação nada de degradante ou ruim; ou seja, tudo que foi criado e a matéria que forma este mundo é bom e convida ao louvor de Deus.

Deus ao criar o universo, o fez compondo como uma sinfonia, uma obra de arte: dá a forma e a vida a tudo que existe. Tudo foi feito “*ex-nihilo*” (do nada), antes de tudo existir Deus já existia ⁷⁰. Foi ele que criou tudo, tanto as águas como a terra e no ar, e quem modelou e o governa, e a humanidade e tudo que faz parte de sua obra criadora deve voltar para ele ⁷¹.

2.1.1. O homem e a sua origem

Através da interpretação de dois textos do Génesis (1,26 e 2,7), Irineu ao analisar os textos e afirma que elas falam de uma única criação: “Antes dele Justino, também se deparou com estes questionamentos” ⁷². Em sua ideia, a criação apenas é um ato único, Ele não fazia sequer distinções entre o ‘fazer’ e o ‘modelar’, encontrando uma identidade entre os dois termos com benefício do segundo ⁷³.

Sobre o pressuposto histórico, se entende que Justino tem uma influência profunda com a filosofia e frequentou ambientes e a cultura semita ⁷⁴. Também Clemente de Alexandria harmoniza os dois relatos do Génesis sem colocar nenhuma oposição entre eles e sustenta esta interpretação argumentando não só a partir da reconhecida identidade semântica entre os termos ‘fazer’ e ‘modelar’, mas também considerando o contexto dentro do qual a criação do homem é colocada, ou seja, o único gesto da criação do universo.

⁶⁹ Id, II, 9,1 p. 146

⁷⁰ Jo 1,1-2

⁷¹ Jo 16,28

⁷² Segundo (ORBE 1997, p.13):

⁷³ ORBE, Antonio. Antropologia de San Irineu. 1997. Ed. BAC. p. 14

⁷⁴ Para os doutores judeus da Palestina a referência principal sempre foi a Bíblia e, em segunda instância, as interpretações rabínicas. Ora, o homem, que para a especulação grega é composto de alma e corpo, segundo a perspectiva bíblica é sempre entendido como uma unidade indivisível e a descrição por atos sucessivos da sua criação por mão de Deus tem um valor pedagógico. (CONT, Alessandro, 2017 p. 48)

Preservando esta tradição hermenêutica, Irineu tem a plena convicção que o Génesis, não tem uma dupla ou tripla criação como afirmava os gnósticos. Mas o homem foi criado de uma unidade incindível, formado e modelado por Deus. Para ele os dois textos se completam a respeito da criação do homem.

Diz o Apóstolo (1Cor 15,46) referindo-se somente a nós, homens, não procede o que é espiritual, mas, antes, o que é psíquico e depois espiritual. Nada de mais certo, por que era necessário que o homem fosse primeiramente modelado e só depois recebesse a alma e somente depois dela recebesse a comunhão do Espírito. Eis por que também “o primeiro Adão foi feito alma vivificante. Por isso, como o homem, feito pessoa animada, voltando-se ao mal, perdeu a vida, assim, ele, convertendo-se ao bem e recebendo o Espírito Santo vivificante, reencontrará a vida⁷⁵.

Desta forma, primeiro o homem é modelado, depois a alma e logo em seguida, recebe a comunhão do Espírito. Para CONT⁷⁶: à uma distância entre o modelo e a alma corresponde à diferença do entre a alma e o Espírito”. Para ele intervalo de tempo entre a *πλάσις* (*plásis*) e a animação do primeiro homem e a comunhão do Espírito. Este período seria muito longo.

É claro que para Irineu a ordem é precisa: primeiro o modelo, em seguida sua animação, que firma o “homem animal” e depois o “homem espiritual” com a comunhão do Espírito. Desta forma, o homem é o modelo, formado por Deus do barro segundo a sua “imagem e semelhança”. Afirma o Bispo:

Deus será glorificado na sua criatura, conformada e modelada ao seu próprio Filho pois, por meio das Mãos de Deus, isto é, por meio do Filho e o Espírito, o homem e não uma parte dele, é feito imagem e semelhança de Deus. Agora, a alma e o Espírito podem ser uma parte do homem, mas de maneira nenhuma o homem todo; o homem perfeito é composição da alma que recebe o Espírito do Pai e está unida à carne, plasmada segundo a imagem do Pai⁷⁷.

Na ideia antropológica irineiana existe uma prioridade do corpo a nível temporal, mas não só isso. Para o Bispo, a alma não torna ‘homem’ o modelo, mas limitasse a animá-lo e por isso a união da matéria com a alma torna o homem ‘animal’, que é ‘animado’ pela alma. A alma dá a matéria vida animal e racional. Na própria obra *Contra as Heresias*. encontra-se expressões tais como “animal composto de

⁷⁵ IRINEU, *Contra as Heresias*. op. cit., p. 546

⁷⁶ CONT, Alessandro 2017 p. 50

⁷⁷ Id, op, cit., V, 6,1 p. 530

alma e de corpo”⁷⁸, “animal racional”⁷⁹, “animal vivo e racional”⁸⁰, “animal composto”⁸¹, que se referem todas, ao ser humano como união da matéria com a alma.

É preciso dizer que a concepção filosófica do homem é aceita por Irineu, o que ele quer especular é que nem tudo que está dito é verdade; pois está incompleta. Haja vista que, ele usa a filosofia e a completa com a concepção contida na Sagrada Escritura fonte de toda verdade: atribuiu ao “corpo e a alma a noção de Imagem e Semelhança” com Deus.

Um é o homem "feito" e aquele que é corporificado. trocando termos, o homem foi "modelado" à imagem e semelhança de Deus, "feito" por Deus de barro. o Senhor fez o homem, plasmando-o à sua imagem e semelhança. Moldou-o, fazendo-o à sua imagem e semelhança (Tradução livre)⁸².

Para além disso, percebe-se que a antropologia de Irineu apresenta a alma quase como um subsídio do corpo e, ainda por cima, de carácter precário e imperfeito⁸³. estando ele à espera da perfeição concedida somente pelo Espírito. Este Espírito, ainda que não pertença propriamente à natureza humana, é necessário para no homem realizar o desenho divino, isto é, viver em comunhão com Deus. Na verdade, é preciso ter em conta que o homem, na sua realidade de corpo e alma, não é o fim último do plano divino, mas composição é vista em função duma economia sobrenatural.

Para ele há uma fundamental diferença entre o ser humano e o resto da criação. Por um lado, de fato, todos os seres nascem com a imperfeição característica de toda a criatura, mas perfeitos na sua espécie e ordem. Isto significa que cada animal e planta foram pensados e criados para pertencer a uma espécie própria, num lugar preciso e definitivo dentro da ordem da criação. “Tal perfeição, porém, determina neles

⁷⁸ Id, op, cit., II, 13,3 p. 156

⁷⁹ Id, op, cit., V, 1,3 p. 521

⁸⁰ Id, op, cit., V, 3,2 p 525

⁸¹ Id, op, cit., II 28,4 p 215

⁸² “Uno mismo es el hombre 'hecho' y el plasmado. intercambiando términos, el hombre fue 'modelado' a imagen y semejanza de Dios;'hecho' por Dios de barro. hizo el Señor al hombre, plasmándole a su imagen y semejanza. o bien le plasmó, haciéndole, a su imagen y semejanza”. (ORBE, op. cit., p. 20)

⁸³ “Aquél no há sido organizado por el alma, según sus necesidades, sino por Dios antes de la *psyche*. Más aún, el alma sobreviene con manifiesta vinculación al plasma, al que anima com posterioridade em el tempo, y aun com carácter em alguna forma subsidiario, , para em su día cede el puesto al espíritu vivificante. (Id, op. cit., p 18)

também uma ausência de qualquer história e destino que aponte a uma transformação do seu estado e da sua natureza. Isto é próprio até dos anjos”⁸⁴.

Entretanto, para o homem é diferente; ele tem um destino sublime que aponta sempre, mais a sua semelhança com Deus. Este extraordinário destino do homem implica que todas as outras criaturas (terrenas e celestes) existam em função dele e da sua história (de salvação)⁸⁵.

Reduzir, de modo simplista, o homem a uma mera união de corpo e alma, implica apresentar uma espécie (animal) a mais que, apesar de moral, não passa do humano. Para os estoicos: ao o homem condena, a não superar nunca a sua espécie. Como muito, a filosofia pagã chegou a dizer que o homem era algo superior decaído do mundo divino (como Platão que concebia o ser humano como algo que perdeu a sua condição original e procura recuperá-la). Pensavam o mesmo também os gnósticos. Este foi o grande limite do conceito pagão filosófico do homem. “Irineu responderá a esta visão fechada apresentando um conceito (filosófico) de homem aberto aos planos de Deus”⁸⁶.

Frente a tais especulações, o bispo medita e responde através da revelação bíblica. Ela de cara contrapõe à mentalidade da própria filosofia grega, porque, longe de sujeitar o homem ao cosmos, destaca o domínio do ser humano sobre o mundo criado. Sendo assim o homem não encontra nenhuma referência validada na criação, pois sua referência esta superior a ele: Deus seu autor, com o Verbo e Espirito.

Irineu recusou sempre e de modo particular qualquer condenação da carne (quer fosse platónica ou gnóstica), exaltando a *πλάσις* (*plásis*) e afirmando que o *ἄνθρωπος* (*ánthros*) é essencialmente corpóreo. Para ele está marcado neste corpo (carne) a “imagem e semelhança” de Deus.

Outro ponto que o Santo usou foi o de deificação (que para o Bispo de Lyon é sempre referida ao homem composto de corpo e alma, e isto apesar de algum autor eclesiásticos presumir a participação da alma com a natureza de Deus)⁸⁷, Irineu afirma que é o corpo o objeto privilegiado da obra de Deus. Contra os negadores da “capacidade da carne” para receber o “dom” de Deus, Irineu argumenta assim:

⁸⁴ CONT, 2017 p. 51

⁸⁵ Id, op. cit., p. 22

⁸⁶ ORBE, Antropologia de San Ireneu, p. 19.

⁸⁷ Orígenes e S. Hilário usam expressões muito gráficas acerca do parentesco da alma com Deus : uma estranha comunhão de natureza entre ambos e uma conaturalidade mental (Cf. A. ORBE, Antropologia de San Ireneo, 23-24; C. B. ÁVILA, Teología de la imagen de Dios en San Hilario de Poitiers, Dissertação não editada, Navarra, "2004, 67-70 apud CONT,2017. op. cit., p . 52)

Se portanto o cálice misturado e o pão preparado recebem a palavra de Deus e tornam-se Eucaristia, isto é, corpo e sangue de Cristo, e se com eles se fortifica e consolida a substância da nossa carne, como posso dizer que a carne não é capaz de receber o dom de Deus que é a vida eterna: a carne que se alimenta do sangue e do corpo de Cristo e constitui os seus membros? Como o beato Apostolo diz na sua carta ao Efésios: “Somos membros do seu corpo formados pela sua carne e pelos seus ossos (Ef 5,30)” indicando com estas palavras seguramente não um homem espiritual e invisível, “pois o espírito não tem nem carne nem ossos (Lc 24,39)”, mas o organismo verdadeiramente humano, feito de carne, nervos e ossos, o qual é alimentado pelo cálice, que é o seu sangue, e é fortificado pelo pão, que é o seu corpo [...] Ele concede a imortalidade àquilo que é mortal e dá gratuitamente a incorruptibilidade àquilo que é corruptível (1Cor 15,53), porque o poder de Deus manifesta-se perfeitamente no que é débil (2Cor 12,9), para que não nos deixamos levar pelo orgulho como se tivéssemos a vida em nós mesmo [...]”⁸⁸.

Nada explica o agir de Deus se não o fato de Ele modelar o ἄνθρωπος (*ánthropos*) desde o pó da terra até a sua configuração com o Espírito. Como Irineu diz numa outra passagem muito famosa: “*Opera Dei, plasmatio est hominis*” (a obra de Deus é o modelar do homem).

Assim sendo para o Bispo, no centro está a modelagem-modelo-carne-corpo. Já a alma constitui apenas em um instrumento, mas sendo necessário, para a deificação do corpo. assim fala o Santo: “Deus não quis fazer os anjos, nem a inteligência pura à sua imagem e semelhança, nem a magnanimidade, nem a grandeza do seu amor ainda havia brilhado plenamente no corpo sensível. “porque: segundo o axioma paulino (2cor 12, 9), a força culmina na fraqueza”.⁸⁹ (Tradução livre).

Três coisas, como demonstramos, constituem o homem perfeito: carne, alma e o Espírito. Uma delas salva e forma, ou seja, o Espírito; a outra salva e é formada, ou seja, a carne, outra, enfim, encontra-se entre duas, a alma, que tanto segue o Espírito e toma seu voo graças ele, como deixa persuadir pela carne e cai em cobiças terrenas⁹⁰.

Em outras palavras: E a substância, o composto de alma e de carne, que ao receber o Espírito de Deus estabelece o espiritual⁹¹. Com esta medida, o Bispo vê o

⁸⁸ IRINEU, op. cit., V, 2,3 p 522

⁸⁹ “Dios no quiso hacer a los ángeles ni a las inteligências puras a su imagen y semejanza. Ni su magnanimidade ni la grandeza de su amor habrían brillando como en el cuerpo sensible. “Porque: según el axioma paulino (2 cor 12,9), la fuerza culmina en la flaqueza (IRINEU, op. cit. p. 524. apud ORBE, op. cit., p.25).

⁹⁰ IRINEU, op. cit., V,9,1., p.538

⁹¹ ORBE, Antropologia de San Ireneu, p. 75 e 130

homem imerso no designo salvífico de Deus⁹². O que Deus quer para ele é a perfeição da “imagem e semelhança”, é o que determina mais em profundidade do seu ser. É por isso que o homem não conseguirá chegar a sua própria perfeição, se não estiver com a força de Deus, com o Espírito Santo. O Espírito Santo é contrário ao nível dos elementos Antropológicos, mas é necessário para o ser humano alcançar a perfeição.

2.1.2. As duas mãos de Deus

Ao olhar do Santo, a lógicas das coisas que Deus prepara é um lugar bonito e bom para hospedar dignamente o homem durante sua estadia sobre a terra. O Senhor realizou essa obra prodigiosa da criação, a futura habitação do homem, feito sem nenhuma ajuda, nem de anjos, ou outra divindade, mas por meio de suas próprias mãos.⁹³ É verídico que o Bispo de Lyon, não usou explicitamente a palavra “Trindade” para designar o dinamismo das três pessoas em Deus. Irineu usou várias fórmulas ternárias e binárias; a) a ternária se aplica a fórmula de fé por meio das pessoas divinas o Pai, o Filho e o Espírito Santo; b) já binário se refere às formulas aplicadas as duas pessoas divinas: O Pai e o Filho. Para descrever a ação salvífica das três pessoas divinas, ele professou a fé nas três pessoas divinas. Como também, não tinha pretensão no problema que está formula trará, ou sobre a discursão sobre a geração do Verbo; mas de intensificar em ter como verdade apostólica da fé.

Em seu pensamento, o Verbo sempre existiu juntamente com o Pai; Identificado como *Logos* e também o Espírito, como sua Sabedoria. E sua obra Irineu afirma que a criação era uma ação trinitária. Encontra-se no livro IV da Contra as Heresias:

Assim, Deus é superior a tudo e todos, porque só ele é incriado, só ele é causa de ser todas as coisas. E todas as coisas são inferiores a Deus e lhe estão submetidas, mas esta submissão é para elas a incorruptibilidade, a permanência da incorruptibilidade e a glória do incriado. Esta é a ordem, o ritmo e o movimento pelo qual o homem criado e modelado adquire a imagem e a semelhança do Deus incriado: o Pai decide e ordena, o Filho executa e forma, o Espírito nutre e aumenta; o homem paulatinamente progride e se eleva à perfeição, isto é se aproxima do incriado, perfeito por não ser criado, e este é Deus⁹⁴.

⁹² SESBOÛÉ, Bernard; L. F. Ladaria, V Grossi, Ph. Lécrivain. O Homem e sua Salvação (século V-XVI). Tomo 2. Ed Loyola.2003. p.91

⁹³ SINGLES, D. 2010. p. 28

⁹⁴ IRINEU, op. cit IV 14,1. p. 404

No momento em que o homem foi criado, o Pai, com o Filho e o Espírito, modelou o homem e também tudo o que existe. Aqui Irineu procura demonstrar a providencia do Verbo, ou seja, ele procedeu do Pai desde sempre. Da mesma maneira o Espírito, que é identificado como a Sabedoria sempre esteve junto do Pai.

Assim o dinamismo divino da criação do mundo e do homem, não era obras de varias divindades que criaram escondidas uma da outra, mas fruto do dinamismo das pessoas divinas, que sempre estiveram unidas antes mesmo que tudo existisse. Aqui a criação é obra do Amor de Deus com suas duas mãos, tudo modelou segundo o seu desígnio salvífico para manifestar sua gloria.

Para Irineu, as mãos de Deus têm uma eficácia muito, mas profunda que a *πλάσις* (*plásis*); é igual ao “*Virtus Dei*”⁹⁵; em quaisquer manifestações externas de poder. E como bom teólogo, quando se trata de contrastar a *πλάσις* (*plásis*) humana, para a criação dos anjos, ele decora o privilégio exclusivo ao corpo humano, feito pela *per manus Dei*.

Os anjos, genericamente criados por Deus através do Verbo, não conheciam uma origem tão soberana. Esta conclusão se deu através da afirmação em que “os anjos não têm uma carne”⁹⁶ Tal afirmação pode ser em parte aceita a respeito em que Irineu ver e coloca uma nobreza na mesma materialidade da *πλάσις* (*plásis*) de Adão. No mundo criado por Deus há anjos. Incorpóreos ou não eles se alinham ao nível dos demais seres evocados pela voz de Deus: “haja luz” (cf. Gn 1,3); “haja um firmamento” (cf. Gn 1,6) “fervilhes as águas um fervilhar de seres vivos (cf Gn 1,20); “Que a terra produza seres vivos” (cf. Gn 1,24). A atitude divina muda quando chega a vez do homem. Não diz: “haja o homem” e sim, “façamos o homem” (cf. Gn 1,26) e na segunda narração: “modelou o homem (Adão) coma argila do solo (cf. Gn 2,7).

O mesmo Deus que desdobra o céu como um livro e renova a face da terra, fazendo as coisas temporais por causa do homem a fim de que, amadurecendo entre elas frutifique a imortalidade. Todas tais coisas (temporais) foram feitas em favor do homem destinado à sua saúde: para amadurecer e dar ordem à imortalidade, que está dotada de privilegio, liberdade e poder para Deus (fazendo-o), mas ajustando para a uma elevação (sujeito) eterna. E é por isso que a criação está consagrada ao homem, porque, o homem não foi feito para ela, e sim, a criação para o homem (Tradução livre)⁹⁷.

⁹⁵ ORBE, Antropologia de San Ireneo, op. cit., p. 38

⁹⁶ IRINEU, Contra as Heresias III 20,4 p.341

⁹⁷ El mismo Dios despliega el cielo como un libro y renueva la faz de la tierra hizo las cosas temporales a causa del hombre a fin de que madurando entre ellas fructifique la inmortalidad. Todas las tales cosas (¿Temporales?) fueron hechas en favor del hombre destinado a la Salud: para madurar en orden a la

Assim as duas mãos se dirigem (modelam) com o Pai nas palavras do Gn 1,26; “ façamos o homem a nossa imagem e semelhança”. Deus Pai voltou-se ao filho e ao Espírito Santo como suas mãos pessoais; não como conselheiros⁹⁸ apenas, mais suas mãos. O Verbo e a Sabedoria aconselharam o Pai. Mas isso não explica o plural da primeira pessoa; pois eles também aconselharam também na obra da criação. Também não justifica a existência da πλάσις (*plásis*) de Adão na eficácia física instrumental: o Verbo como forma universal das espécies e dos indivíduos criados; e o Espírito Santo (a Sabedoria) como virtude originária do dinamismo que harmoniza e coloca em exercício. Então como resolver isso?

Unicamente é no corpo humano que eles atuam em plenitude e *ad aequalitatem* (*para igualdade*), o Verbo como Imagem de Deus e a Sabedoria, como a semelhança do Pai. Só pelo plasma modelado por ambas pessoas divinas, eles imprimem sua forma de maneira perfeita. O corpo humano recebe, por um lado, o Filho e o Espírito Santo em plenitude, o que pessoalmente lhe caracteriza. Só ele, à diferença de todas as demais espécies e indivíduos criados. O Pai, anterior a toda forma, da consistência a matéria do futuro corpo humano; o Filho configura a matéria, do barro; e o Espírito Santo, em virtude a vida do Filho, reveste de semelhança interna (corresponde a virtude divina) no corpo de Adão.⁹⁹

A criação é a manifestação da grandeza do Pai com o Filho e o Espírito, não foi fruto de divisão ou acidente. Mas de um Deus totalmente amor, que direciona o homem para a sua glória. O Pai, o Filho e o Espírito inauguraram uma economia salvífica na história para direcioná-la para um futuro transfigurado. Um futuro em que mundo e homem participarão do dinamismo das três pessoas divinas. Com sua doutrina o Santo quer contrapor os gnósticos sobre Deus. Onde além de afirmar vários seres divinos, também acrescenta que nele existiam dois princípios: masculino e feminino.

inmortalidad lo que esta dotado de proprio arbitrio y potestad y disponerlo para Dios (haciéndole) más ajustado a la eterna sujeción. Y por eso la creación esta consagrada al hombre, pues no se hizo el hombre por ella, sino la creación por hombre. (IRINEU, op. cit., IV 5,1; V29,1; IV 7,4. Apud. ORBE. Antropologia de San Ireneo, op. cit., p. 39)

⁹⁸ “[...] Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho (Is 66,7). É ele sendo Deus, tem o destino de estar conosco. É, ao mesmo tempo, maravilhado por tal acontecimento; [...] o mesmo profeta repetiu: “porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado [...] lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso (admirável); [Isaias] chama “Conselheiro admirável”, também ao Pai, indicando que o Pai criou com Eles todas as coisas. (IRINEU, Demonstração da pregação Apostólica, 54-55 p. 111

⁹⁹ ORBE, Antropologia de San Ireneo, p. 43

2.1.3. A origem do corpo

Sobre este tema, o Bispo de Lyon responde aos gnósticos, lendo a Escritura e fundamentando nela a doutrina da Igreja a partir da interpretação transmitida pelos apóstolos. Assim a formação do corpo, Irineu frisa em primeiro lugar: que o ato criador em nada afeta a grandeza e perfeição de “Quem” nos criou: “Com efeito, não há orgulho maior do que se julgar melhor e mais perfeito do que o próprio criador, modelador, doador do hálito de vida e do próprio ser”¹⁰⁰.

Irineu fala de πλάσις (plásis) e não de criação da matéria humana. O verbo grego πλάσσω (*pláso*) na sua origem, remete para o âmbito do trabalho artesanal e indica o ato de bater o barro para o moldar e dar-lhe uma forma¹⁰¹. Pela tradução dos LXX o capítulo do Gn 2,7, coloca-se este termo para comprovar a ação de Deus que modela o primeiro homem. O grego, neste caso específico parece ser um pouco mais genérico do que o próprio termo hebraico. Na língua hebraica, para descrever a ação criadora de Deus, tem um verbo próprio: *bārā* (ברא), que pode ser traduzido por “criar”, “dar a ser”, “tirar do nada”, “formar”, “modelar”. Neste sentido “supõe usando uma imagem” para exemplificar, Deus é usado um artífice ou um artesão que modela com as “mãos” a terra.

A visão antropológica que resulta deste termo não apresenta o homem como um ser dividido entre corpo e alma, porque *lahweh* modelou tanto os olhos e a respiração, como também o coração e o espírito (enquanto a ψυχή (*psyque*) não aparece como objeto da πλάσσειν (*plassein*- modelar). Deste modo o interior do homem não tem maior importância, nem o corpo pode ser visto negativamente, mas antes o ser humano constitui uma realidade completamente unitária. Irineu distingue vários aspetos da πλάσις: a matéria *ex qua*; a mistura de potência divina com a matéria *ex qua*; o desenho na carne; e a infusão do hálito de vida.

A teologia irineana interessa-se pela origem da matéria, isto é, pela realidade prévia à atividade das “mãos de Deus” (matéria *ex qua*), e do trânsito do não ser para a uma substância criada. É claro que não só os cristãos si interessaram em saber a origem da matéria, mais também a filosofia cristã, no entanto eles não conseguiram

¹⁰⁰ IRINEU, op. cit., II, 25,1 p. 206

¹⁰¹ CONT, op. cit., p. 70

chegar em um resultado pleno. Em vista disso, o Santo utiliza o dado da revelação: “Deus tão grande, que é ele que de per si criou, fez, harmonizou e contém todas as coisas”¹⁰².

A Sagrada Escritura ensina o absoluto domínio de Deus sobre todas as coisas, como também a matéria que da qual provem o mundo. Se, portanto, pela Escritura não é possível conhecer de onde vem a substancia e a matéria pela qual Deus fez todas as coisas, Irineu aponta para a fé para compreendermos que Deus se serviu, para criá-las, da sua vontade e potência¹⁰³. Isto não quer dizer que todas as coisas se sustentam pela vontade e o poder divino, mas que a vontade e o poder de Deus assentem que todas as coisas existem.

Uma vez que a matéria *ex qua* foi proporcionada por Deus Pai, busca-se a mistura da potência divina com a matéria dada. O Bispo escreve assim:

Assim como desde a farinha seca, não pode, sem água, não se pode torna-se uma só massa, nem um só papo, também nós, não podíamos tornar um só em Cristo (Rm 12,5; 1Cor 10,17; Gl 3,28) sem a Água que vem do céu. Assim como a terra seca, se não receber água, não frutifica, assim também nós, que eramos lenhos secos (Lc 23,31), nunca teríamos produzido como fruto a vida sem a chuva vinda espontaneamente (Sl 67,10) do alto. Os nossos corpos, de facto, receberam, através do lavacro [banho batismal], a união à incorruptibilidade²⁹⁵, enquanto as nossas almas receberam-na através do Espírito (Jo 3,5)¹⁰⁴

Irineu insiste na terra ser enxuta e árida, pois ainda não tinha chovido. Aquilo que teria feito a chuva, molhando a terra e transformando-a em lama, ao fale-lo, Deus infundindo a sua potência, isto é, a chuva que cai espontaneamente do alto (Sl 67,10) Foi desse modo que Deus tornou a terra dócil ao trabalho das suas “mãos”

Uma segunda distinção que o bispo de Lyon faz, é entre πλάσις e inspiração do sopro. As duas ações são complementares, mas distintas. O problema que aqui se coloca está em definir se a estrita modelação é atribuída às duas “mãos” de Deus (Verbo e Espírito), ou só ao Verbo, encomendando a inspiração do sopro ao Espírito.

O Filho desenha os membros de Adão de modo que até o aspeto visível tivesse a forma de Deus¹⁰⁵. Isto, concretamente, indica a distribuição dos membros. O Espírito tem outro papel específico e ocupa-se do interior. Isto, porém, é feito de tal maneira

¹⁰² IRINEU, op. cit., IV, 20,1 p.427

¹⁰³ Ibidem, II 10, 2 p. 148

¹⁰⁴ Id, op. cit., III, 17,2., p. 326.

¹⁰⁵ Id, Demonstração da pregação Apostólica, 11. p. 78

que, sem tocar na potência divina (do Pai), configura-se e orienta-se a obra para aquilo que será o destino do ser modelado. O Espírito, portanto, coloca um germe espiritual dotado de membros e potências (homem interior) correspondente e paralelo ao modelo (homem exterior) e distinto da alma. Notamos que a conformação (a nível dos membros do corpo) do homem interior ao homem exterior é necessária para que haja uma relação dinâmica entre estas duas dimensões; este é o aspecto mais importante da ação do Espírito.

2.2. A alma

Ao falar deste tema Irineu como os demais pensadores de sua época, não concebe a “alma independente do corpo” como afirma SINGLE:

Para Irineu seria insensatez falar de uma parte do homem inteligente, incorpórea e dotada de vida própria, separada do corpo. Uma inteligência sem corpo não é um homem. O homem caminha para Deus enquanto o espírito encarnado. Sua corporeidade é chamada a assemelhar-se ao Filho encarnado¹⁰⁶.

Ao ser citado o binômio corpo-alma (σώμα-ψυχή) demonstra-se uma perspectiva bem interessante. É preciso antes de tudo afirmar que o grego utilizado pelo Santo não é o filosófico, mas o Bíblico. A alma na tradução bíblica é *nephesh*. No pensamento semítico, a *nephesh*, não se constitui uma preexistência e nem um vínculo de divindade. Ela pertence ao mundo criado. Não tem nem uma essência substancial separada do corpo. A *nephesh* ou alma do homem por assim dizer, está ligada ao sopro que o primeiro ser humano recebeu em suas narinas, ou seja, ela é a potência que o estruturou como uma “alma viva”¹⁰⁷. Desta maneira, a *nephesh* não estar apenas no corpo, ela é o corpo, na medida em que este é vivo.

Com esta visão Orbe que esclarece usando esta mesma ideia usando uma metáfora: “assim como o oceano não é vivo por ter elementos de vida (seres vivos) em si, assim o corpo humano, nesta fase, continuaria sem vida própria apesar de ter potências vivas em si”¹⁰⁸. Nesta fase, o corpo modelado possui os membros para uma existência humana e divina, mas falta-lhe a alma que intermedeia o divino e o humano.

¹⁰⁶ SINGLE, 2010, p.36

¹⁰⁷ Ibidem. p. 37

¹⁰⁸ ORBE, 1997, p. 66

Esta, ao pô-los em comunicação e unindo-os, assegura a comunhão, essencial para que o homem interior vivifique o homem exterior. A alma é assim um princípio fundamental para a vida¹⁰⁹.

A infusão da alma através do sopro sobre Adão (Gn 2,7) está estritamente ligada à πλάσις¹¹⁰ e faz do homem um “homem animal”, isto é, animado por uma vida física, e capacita o homem interior a comunicar com o exterior e a adaptar-se à vida sensível e com a infusão da alma desaparece a distinção entre espírito e matéria uma vez que as duas dimensões estão ligadas; a carne vive pela alma e, graças a ela, vive para o espírito.¹¹¹

Na percepção do bispo de Lyon, a alma (ψυχή) não tem categoria de ἄνθρωπο (*ánthropo*) nem na dimensão física, nem na soteriológica. O indivíduo é ‘homem animal’ pela vida que vivifica o corpo, predominando nele “o homem carnal” e as suas obras. É o que São Paulo chama de ‘obras da carne’ (Gl 5,16).

A alma, portanto, tem a específica função de mediadora, adotando a forma visível-invisível das duas vertentes humanas (externa e interna), e é indiretamente influenciada pela ação do Verbo e do Espírito. Deste modo, enquanto anima o corpo exterior, ela é divinamente vitalizada pelo Espírito (um equilíbrio nos três elementos que constitui ser humano: espírito, alma e corpo. (1Ts 5, 23)¹¹². Afirma o Santo: “No princípio da nossa formação em Adão, o sopro de vida provindo de Deus, unindo-se à criatura, animou o homem e fê-lo aparecer como ser animado e dotado de razão”¹¹³.

Irineu, sem negar o aspeto racional, identifica mais a alma como princípio de vida¹¹⁴: o ‘homem animal’ é ‘homem’ pelo modelo e ‘animal’ pela vitalidade dada através da alma. Para o bispo de Lyon “animal” e “racional” são aspectos temporais não essenciais e ligados à economia atual.

Ora, a primeira vida foi afastada porque nos foi dada, não por meio do Espírito, mas por meio de um sopro. Uma coisa é, de facto, o sopro de vida, que torna o homem animal, e outra coisa é o Espírito vivificante, que torna o homem espiritual [...]. O sopro é algo temporâneo, enquanto o Espírito é eterno. O sopro alcança o seu

¹⁰⁹ Irineu passa por alto a origem e a causa-prima da alma, limitando-se a distingui-la do Espírito (cf. ORBE, ANTONIO, *Antropologia de San Irineu*. p 66 a 67.

¹¹⁰ Segundo ORBE, A. *Idem*, p. 70; “O corpo configura segundo a sua própria forma a alma que, portanto, adquire do corpo a dignidade da forma dada pelo Verbo ao limo”

¹¹¹ CONT, Antonio. 2017 p. 74.

¹¹² *Ibidem*. 74

¹¹³ IRINEU, V,1,3 p. 528

¹¹⁴ ORBE, Antonio, 1997, p. 70

modesto vigor, permanece por algum tempo e depois desaparece, deixando sem sopro aquilo no qual estava; o Espírito, pelo contrário, depois de ter envolvido o homem por dentro e por fora, permanece sempre junto dele e jamais o abandonará¹¹⁵.

Sendo assim, o homem “animal” contrapõe-se ao “espiritual” pelas obras carnis que, um dia, passarão a ser obras divinas. Haja vista que, o ser humano que nos é apresentado pela *πλάσις* (*plássis*), é uma realidade unitária, constituída de vários elementos, cada uma analisada a partir da Sagrada Escritura e entendida somente sob a luz da fé. O centro é sempre o modelo, o corpo, a carne. Este elemento é beneficiário da bondade de Deus que o modela “com as suas mãos”. Esta ação divina concretiza-se com a intervenção do Filho que desenha a sua imagem, com a ação da alma que opera de intermediária em função dele e com a presença do Espírito para o qual ele protende. Em outras palavras, para o Santo, “a fonte de toda animação é divina”¹¹⁶.

Portanto, “A alma não é ela própria a vida, mas participada vida que Deus lhe deu”¹¹⁷. Ela não vive por si mesma, mais por uma força divina que Irineu chama de “sopro de vida”, ou, “Espírito”, que é o *rúah* da Bíblia¹¹⁸. É o sopro de Deus que é fonte do sopro do homem, de sua *nephesh*. Assim sendo, não se trata de duas vidas de duas naturezas diferentes, mas de um só e mesmo homem vivo, que é diferente segundo sua vontade de viver ou não pelo Espírito.

2.3. Imagem de Deus

Por um longo período, tanto a tradição judaica como a cristã, se utilizavam do Sl 8,6-7 como uma complementação ao relato da narração do Gêneses para exemplificar e justificar a dignidade do homem. Na antropologia bíblica o homem é considerado uma *’azkārā*, isto é, uma “evocação de Deus”, sua imagem terrena, não só em sentido espiritual como também físico (Gn 1,26; 5,1.). Está característica é transmitida biologicamente de geração em geração como *hādār*, ou seja, uma figura

¹¹⁵ IRINEU, V, 12,1-2 p. 545 a 546

¹¹⁶ SINGLE, 2010, p. 39

¹¹⁷ IRINEU, II, 34, 4 p. 241

¹¹⁸ *Rúah* vem do hebraico e significa “Espírito”. *Rúah* é o “sopro divino”. É o *rúah* que faz do homem uma *nephesh* ou alma viva. *Rúah* vem de Deus. Irineu utiliza a palavra “espírito” para designar o divino no homem, tanto no falar de uma realidade própria dele. “É a composição e a união destes elementos (corpo, alma e espírito) que constitui o homem perfeito. Contra as heresias. V, 6.1. (SINGLE, op. cit., p. 38)

magnífica de Deus, como *kābôd* ou δόξα¹¹⁹, termos que indicam uma força interior (glória) que se irradia e se manifesta (Sl 8,6)¹²⁰. No entanto, no Antigo Testamento percebe-se que uma insuficiência para o termo argumentado.

Neste contexto, Irineu esclarece a afirmação de insuficiência, ao dizer que os escritos veterotestamentários, ainda não podia desenvolver de maneira plena, a verdade relativa a imagem de Deus no homem, pois não si tinha realizada nele a imagem perfeita de Deus¹²¹. Segundo o Santo, a imagem propriamente de Deus é o Logos feito homem, modelo a partir do qual o ser humano foi criado. Á luz desta afirmação, entende-se que à primeira vista parece uma deficiência e um vazio do Antigo Testamento, na verdade constitui uma reserva e a inauguração de um lugar que um dia terá que ocupar o Filho de Deus encarnado, Jesus Cristo, qual imagem perfeita de Deus¹²².

Anteriormente foi citado na hermenêutica-exegética iraniana, que é pelo Verbo que modela a terra imprimindo a Imagem de Deus. No entanto para alguns eclesiásticos, como por exemplo Orígenes: pensava que a carne tivesse sido modelada à Imagem de Deus, o mesmo Deus teria forma humana. Esta perspectiva Originariana, vem do conhecimento antropomórfico de escritores judeus e eclesiástico, como também a posição de Celso que procurava pôr em ridículo os cristãos considerando a Escritura como um conto de fadas¹²³.

O autor alexandrino refuta o filósofo pagão, mas também não concorda com os escritores eclesiásticos que viam no corpo humano o mistério da “imagem de Deus”. Estes últimos acabavam por ensinar que Deus, em si, não possui uma forma, mas adota uma forma “positiva” (membros humanos não carnis) para que os homens justos possam vê-lo e ter consolo. Neste sentido este pensamento se assemelha com a ideia pagã como também de Epicuro, onde os deuses tinham formas e paixões humanas. Neste contexto, muitos destes eclesiásticos deixaram-se influenciar pela

¹¹⁹ No Antigo Testamento o termo *Kābôd* deriva da raiz *kbd* quer significa “ter peso”, indica aquilo que confere importância, honra e consideração a uma pessoa ou coisa. (Is 10,18;35,3; Ez 31,18). No Novo Testamento, o Verbo é o lugar da morada de Deus, a verdadeira tenda da Aliança (Ex 25,8-9; Nm 7,89), é cheio de glória; esta coisinde com a sua própria identidade divina que se revela, Jo 1,18: “e nos vimos a sua glória (δόξα), glória que ele tem junto do Pai como Filho Único, cheio de graça e verdade. (CASALEGNO, Alberto. Para que contemplem a minha glória (João 17, 24) Introdução à teologia do Evangelho de João. Trad. Silva Debetto C. Reis. Ed Loyola. Minas Gerais, 2009 p.209 à 210

¹²⁰ TESTA, E., Lo sviluppo teológico della “immagine e somiglianza di Dio” secondo la Sinagoga, la filosofia e la fede cristiana, p. 59. Apud. CONT, Alessandro, 2017, p. 79

¹²¹ IRINEU, V. 16,2 p 561

¹²² CONT, Alessandro, op. cit., 2017., p.80

¹²³ ORÍGENES, Contra Celso VI, 62. Apud. ORBE Antonio, Antropologia de San Ireneo p. 34 e 93

ideia de Xenófanos que descrevia a essência de Deus como esferoidal, em tudo igual a si mesmo, puramente intelectual e eterno; nada, portanto, que se parecesse ao homem¹²⁴.

Haja vista que, se tem o Pai que não tem fisionomia e nem aparência: angélica, ou humana. E por outro lado, isto não quer dizer, ou impede que o Filho não tem uma forma¹²⁵. Neste sentido, o Pai é conhecido apenas pelo Filho: o Pai, que é incomensurável, foi medido no Filho e o Filho é a medida do Pai, porque o contém.¹²⁶

Desde o princípio do mundo, o Filho revelou o Pai na criação, em modo particular modelando o homem à imagem de Deus. Assim afirma O bispo de Lyon:

[...] o Filho é revelador do Pai desde o princípio, porque é com o Pai desde o princípio e mostrou ao género humano, no tempo certo e para seu proveito, as visões proféticas, os diferentes dons, os seus ministros e a glorificação do Pai à maneira de uma melodia composta e harmoniosa [...] o Verbo tornou-se dispensador da graça paterna em favor dos homens, para os quais estabeleceu tal economia salvífica, manifestando Deus aos homens e apresentando o homem a Deus: salvaguardando a invisibilidade do Pai para o homem não o desprezar e sempre tivesse uma meta para a qual progredir, mas ao mesmo tempo manifestando Deus visível ao homem através dos acontecimentos salvíficos, para que o homem, privado completamente de Deus, não deixasse de existir¹²⁷.

No entender de Irineu, como também na tradição cristã, as teofanias que acontece durante a história: desde Adão, Abraão, Moises e por seguinte; são todas as manifestações de Deus no seu Logos, que lhe permitiram conduzir a história permanecendo invisível.

Com base na Escritura, sabemos que Cristo é imagem do Deus invisível. Ele é ἐνμορφῆθεοῦ (forma de Deus), como também εἰναίῖσῳ (igual a Deus, cf. Fl 2,26), de maneira que, quem O vê, vê o Pai (Jo 14,9; 12,45). Ele é o χαρακτήρ da substância de Deus (Hb 1,3), é aquele no qual o Pai imprimiu e reproduziu o seu mesmo ser¹²⁸.

Aqui o Pai ao criar o ser humano, teve o Filho como paradigma e modelo. Na verdade, nem a configuração do barro, nem a encarnação atentam contra Deus e a

¹²⁴ REALE, Giovanni. História da Filosofia: Antiguidade e idade Média. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 1990, p. 49

¹²⁵ Os valentinianos, a esse respeito, falam do “corpo da Verdade” apresentado pela Tetrade. IRINEU, I, 14,3., p.75

¹²⁶ Ibidem. IV, 4,2 p. 375

¹²⁷ Ibidem. IV, 20,7 p. 432

¹²⁸ CONT, op. cit., p.80

prioridade temporal não torna o homem de Gn 2,7 mais verdadeiro que o segundo Adão, uma vez que todas as expectativas sobre o ser humano se colocam no homem novo futuro, isto é, o homem redimido por Cristo (Cl 3,10)¹²⁹.

Deus, portanto, olha para a humanidade do Filho encarnado para modelar o corpo de Adão à sua imagem (Cl 1,15)³⁴⁶, pensando na forma do homem antes de Gn 2,7. Em Gn 1,27 é criado o homem perfeito numa perspectiva ideal, isto é, à “imagem e semelhança” de Deus, enquanto em Gn 2,7 descreve-se o primeiro passo da realização deste mesmo homem, iniciando um processo que atingirá a sua plenitude (ao longo do tempo) dentro e fora do ser humano¹³⁰.

É preciso colocar um elemento fundamental, e coloca-lo em conta. Esta obra não se realizou por mérito da carne ou de sua figura, mas pela dignidade que o homem recebeu de Deus sem mérito algum. Por causa disso, Adão reflete na forma e disposição dos seus membros a natureza que o Deus Pai pensou para Adão. E o ponto de partida é o Verbo¹³¹.

Ora, quem poderia ser superior ao homem [para o poder salvar], que foi criado à semelhança de Deus, a não ser o Filho de Deus, à semelhança do qual foi criado o homem? Por isso, o próprio Filho de Deus mostrou esta semelhança, tornando-se homem, tomando sobre si a antiga obra modelada¹³².

O Verbo configura o corpo de Adão em vista do seu corpo futuro, de tal modo que a πλάσις do primeiro Adão se consuma no segundo. E é no corpo do Verbo que se manifestou a semelhança divina oculta no modelo de Adão.

Ora isto mostrou-se verdadeiro quando o Verbo de Deus se fez homem, tornando-se semelhante ao homem e o homem semelhante a si, para que, através da semelhança com o Filho, o homem se torne precioso perante o Pai. De facto, nos tempos passados já se dizia que o homem tinha sido feito à imagem de Deus, mas não aprecia claro porque o Verbo, à imagem do qual foi feito o homem, era ainda invisível: exatamente por causa disto perdeu facilmente a sua semelhança. Mas quando o Verbo de Deus se fez carne (cf. Jo 1,14), confirmou uma e outra coisa: mostrou verdadeiramente a imagem, assumindo a sua própria imagem, e restabeleceu solidamente a semelhança, tornando o homem semelhante ao Pai invisível através do Verbo visível¹³³.

¹²⁹ “e vos revestistes do novo, que renova para o conhecimento segundo a imagem do Criador” (Cl 3,10). O homem, criado a imagem de Deus (Gn 1,26), perdeu-se (Gn 2,17). Escravo do pecado, ele tornou-se o “homem velho” que deve morrer (Rm 6,6; Ef 4,22). O “homem novo”, recriado em Cristo (Ef 2, 15), que é a imagem de Deus (Rm 8,29), reencontra a retidão primitiva e atinge o verdadeiro conhecimento moral (Bíblia de Jerusalém, 1995. Paulus, p. 2215)

¹³⁰ CONT, 2017. p 81

¹³¹ ORBE, Antonio. 1997, p. 98 à 99

¹³² IRINEU, IV, 33,4 p. 473

¹³³ Ibidem. V, 16,2, p. 561

Antes da encarnação o Verbo, que é imagem-modelo a partir do qual Adão foi formado, era ainda invisível, e sem modelo, não se tinha como compara-los. Mas logo que o Filho se encarnou e se fez homem, revelou o mistério do homem na sua dupla vertente: qual imagem e semelhança de Deus. Só a começar deste momento é que se pode ver a imagem a partir da qual tinha sido configurado o primeiro homem, como também o modelo da sua semelhança.

Com a Imagem do Filho, apareceu visível a natureza humana, já a semelhança revelou-se quando se desenvolveu, na sua mesma natureza e de forma estável, a semelhança perdida por Adão assimilando-a ao Pai invisível por meio do Verbo visível. Ambos estes aspetos foram realizados de forma autêntica e real pelo Verbo. Em vista a este princípio o Bispo de Lyon considera que todo homem é modelado por Deus, mesmo que ignore ser Deus¹³⁴. Da mesma forma, é modelado à imagem do Filho, mesmo que ignore o Filho: “[...] à sua imagem Deus fez o homem (Gn 9,1-6). A “imagem” é o Filho de Deus, a partir da qual foi feito o homem (cf. 1Cor 4,4; Cl1,15). Em razão disto, nos últimos tempos, o Filho manifestou-se, para tornar a imagem (do homem) semelhante a Ele¹³⁵.

Se não tem como exemplificar que o Filho é a imagem de Deus, é possível dar a conhecer que o homem é a imagem do Filho quando o Filho recapitula em si a modelagem do ser humano¹³⁶. A encarnação, porém, não foi suficiente porque a perfeição da imagem do Filho não é congénita no homem (como no caso da imagem do Pai no Filho), mas é uma perfeição gratuita e em desenvolvimento.

Até culminar na unidade de Espírito entre a carne humana e Deus. O Filho manifestou visivelmente a semelhança do homem com Deus na ressurreição de Jesus, isto é, não simplesmente no homem-Deus, mas no Salvador feito Deus na sua humanidade, através da *forma Dei* assumida a partir da ressurreição de entre os mortos. A carne gloriosa de Jesus é, de subsídio, que a imagem perfeita de Deus e paradigma do homem¹³⁷, transfigurada pelo Espírito: “duas coisas derivam o homem vivente: vivente pela participação do Espírito, homem pela substância da carne¹³⁸.

¹³⁴ IRINEU, IV, 36,6., p.495

¹³⁵ IRINEU. Demonstração d pregação Apostólica, 22, p. 86

¹³⁶ Ibidem, IV, 33,4 p 472

¹³⁷ ORBE, Antonio. Antropologia de San Ireneo, 1997, p. 102

¹³⁸ IRINEU. V, 9,2 p. 538

Esta consolidação do homem com o Filho não se estabelece na substância da carne, mas na glorificação que detém desde sempre e comunica a carne mediante ao Espírito revestindo de incorruptibilidade. (1Cor 15, 54). Sobre este exemplo Irineu fala de uma assimilação da carne no Espírito como esquecimento de si própria: “a carne, herdada pelo Espírito, esquece-se de si por ter assumido a qualidade do Espírito e ter-se conformada como o Verbo de Deus”¹³⁹.

Neste contexto se tem como ponto o “homem perfeito”, onde a carne não recorda a sua natureza corruptível por ter tomado a propriedade do Espírito, sua incorruptibilidade e ter-se conformado com o Verbo de Deus feito homem, ou seja, no Cristo Ressuscitado. Portanto, significa que a carne já não é animada pelo sopro de vida, sendo este uma ação da alma sobre o corpo para lhe dar a vida corruptível, mas pelo mesmo Espírito de Deus que lhe dá as propriedades divinas. Esta é a realização do homem em Cristo como “imagem da glória de Deus” (1Cor 11,7)¹⁴⁰.

Como pode-se ver o Adão animal (1Cor 15,45)¹⁴¹, com uma imagem terrena, o ser humano é chamado a ter a imagem celestial do segundo Adão, que é o Espírito vivificante. (1 Cor 45-49). Os homens vivificados são unidos a Deus, de certa forma, que assume o mesmo nome de Deus¹⁴².

A transfiguração do homem, portanto, terá por modelo o corpo glorioso do Senhor de tal maneira que, respeitando a substância da σῶμα (soma), adquirirá a incorruptibilidade do Espírito. Será deste modo que o homem transfigurado (cf. 1Cor 15,51), que é falado por Gregório de Nissa¹⁴³, tornar-se-á definitivamente imagem e semelhança de Deus¹⁴⁴. Para o Santo, é sempre claro que o Pai é a fonte e origem de toda esta obra divina: “Sobre a carne do nosso Senhor irrompe a luz do Pai e,

¹³⁹ Ibidem, V, 9,3 p. 539

¹⁴⁰ “Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus” (cf. 1Cor 11,17)

¹⁴¹ “Assim está escrito: o primeiro Adão, foi feito alma vivente, o ultimo Adão tornou-se espirito que dá a vida (cf. 1Cor 15,45)

¹⁴² IRINEU, op. cit., III, 6,1; p.257

¹⁴³ Gregorio de Nissa: “Quando Deus expulsa Adão e Eva do paraíso depois do pecado e que a mulher é condenada às dores do parto, então Adão chegou a conhecer sua companheira segundo as núpcias e teve inicio a procriação. Se, portanto, no paraíso não havia nem núpcias, nem dor, nem parto, dizem ser necessário concluir que a multiplicação das almas humanas não se teria gerado, se o dom da imortalidade não se tivesse transformado em mortalidade e se as núpcias, graças aos nascimentos, não tivessem preservado a natureza, conduzindo à vida novos seres no lugar dos defuntos (NISSA, Gregorio de. A criação do homem: Cap. XVII. Trad. SILVA, Bento Santo. São Paulo: Paulus, 2011, p. 105

¹⁴⁴ ORBE, Antonio Antropologia de San Ireneo, p.103-104.

brilhando a partir da sua carne, vem sobre nós, dessa maneira o homem chega à incorruptibilidade envolvido na luz do Pai”¹⁴⁵.

Por fim, se tem um grande paradigma entre o Gn 2, 7, a carne glorificada do Verbo e a humanidade deificada pelo Filho, é fundamental para ter acesso e ver Pai. De fato, a luz do Pai feita claridade no Verbo é acessível ao homem só quando se humaniza e se torna carne, processo que se realiza não propriamente na encarnação, mas sim na ressurreição¹⁴⁶.

¹⁴⁵ IRINEU., IV, 20,2., p.428

¹⁴⁶ CONT, Alessandro. op., cit., p. 85

CAPITULO 3: O DESTINO DO HOMEM

3.1. À Imagem da Imagem de Deus

O tema da ‘imagem’ desempenhara já um papel importante na filosofia de Platão¹⁴⁷. Segundo o filósofo grego a imagem pressupõe uma relação: o mundo sensível é imagem do mundo das Ideias, resultado de uma sua cópia. Se isto é válido para a cosmologia, não se conjuga da mesma forma com a antropologia. De fato, Platão afirma que somente o sensível pode ser imagem, mas a alma nunca pode sê-lo (por ser semidivina e preexistente ao homem como ser.

É evidente que *Filon* de Alexandria bebeu muito do pensamento platônico, procurando encontrar uma ponte entre a filosofia e a Revelação. Esta façanha, foi feita como muita categoria e respeitada pelos escritores eclesiásticos que de certa forma foram influenciados pela perspectiva. A bravura do autor alexandrino parte da distinção entre *ἡ εἰκών* e *κατα εἰκόνα*, sendo Deus o princípio supremo, o Logos a sua imagem direta (*ἡ εἰκών*) e o homem criatura feita à sua imagem¹⁴⁸. O exegeta judeu deduziu que o Logos imprime no homem (*ο νοῦς*) a sua forma racional e as outras formas que o aperfeiçoam à sua imagem e semelhança, mas isto sem explicar como o Logos se configura no homem para o tornar, deste modo, imagem ou *typos* de Si¹⁴⁹. Em todo acaso, se encontra que a imagem do Verbo no homem supõe a uma substancia *sui generis* racional. Em resumo, a formação do homem em *Filon* prevê duas fases: a criação da “matéria” intelectual pro parte da própria vontade de Deus e a configuração desta “matéria” intelectual por parte do *Logos*. Sendo assim, o homem é feito à imagem de Deus ao ser configurada a sua essência noética pelo Logos, prévia a criação desta essência¹⁵⁰.

Outro autor que absorveu esta ideia filoniana foi Clemente de Alexandria. Sua antropologia é essencialmente cristológica. De tal forma que, que só Jesus pode

¹⁴⁷ REALE, Giovanni. História da Filosofia: Antiguidade e idade Média. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 1990, p. 142

¹⁴⁸ FÍLON DE ALEXANDRIA, Alegorias das leis, II, 4, Cerf, Paris, 1962, 106-107; III, 96, 224-227. Apud CONT, Alessandro. p.85

¹⁴⁹ Ibidem, p. 85

¹⁵⁰ Ainda que em Gn 2,7 se fale da *πλάσις* sem nomear o *τύπος* e em Gn 1,27 se fale de “configuração” sem mencionar a “matéria” (intelectiva), o ambiente filosófico do séc. I e II permitia a compatibilidade destes dois estádios com a simplicidade *sui generis* do *νοῦς* humano (cf. A. ORBE, Antropologia de San Ireneo, 109 à 110. Apud CONT,2017. p 86)

realizar, perfeita e plenamente a imagem e semelhança de Deus do homem modelado¹⁵¹ O homem é assim imagem de Deus só através da mediação do Logos, acabando por ser imagem da Imagem, aliás, para Clemente o homem é mais propriamente imagem do Logos que de Deus. No entanto, para Clemente, o homem é propriamente imagem de do Logos de Deus¹⁵².

É preciso levar em consideração que Clemente não pensa no homem, como o pensamento Iraniano como imagem divina, mas o seu espírito (voûς) como pensam os filósofos gregos. Outra coisa a de ser levantada é que Clemente seguindo as pegadas de Fílon, espiritualiza o tema do “ícone”, introduzindo uma divisão no homem, excluído o corpo so ser imagem e semelhança de Deus. Porém isso, afasta do realismo e da visão bíblica de Irineu.

Orígenes também herdaram as categorias alexandrina, porém, a imagem de Cristo é a alma, isto é, a ψυχή racional ou λόγος imanente do homem. A alma humana é naturalmente impulsionada para se conformar com o Logos (Cristo), de tal forma que isto gera uma tensão pela qual a alma procura trabalhar-se a si mesma (animada pela graça) para alcançar a identidade com o Filho e apagar a distância entre a ψυχή racional, pura imagem de Deus, mas sem semelhança, e o Logos, imagem e semelhança perfeita de Deus¹⁵³.

Os três autores nunca identificam a “imagem de Deus” com o corpo modelado (Gn 2,7), mas Irineu muda completamente a perspectiva. Se assume como válido o esquema filoniano (Deus - Imagem de Deus - imagem da Imagem de Deus), ele, porém, refere o último termo da série ao modelo, uma vez que só esse foi modelado à imagem de Deus e só ele é destinado a adquirir a semelhança perfeita da Imagem de Deus, que é Cristo¹⁵⁴.

Para demonstrar sua teoria, o Bispo de Lyon pega os textos da Escritura (2Cor 4,4; Cl 1, 15), que explica que o Verbo é imagem do Pai¹⁵⁵. Ainda antes da criação. e conjuga a fórmula alexandrina com as categorias bíblicas do Génesis e S. Paulo.

¹⁵¹ALEXANDRIA, Clemente. Protr. 10,98,4. ORBE, Antônio, 1997., p 108.

¹⁵²ALEXANDRIA, CLEMENTE DE, Exortação aos gregos, 10,98,4 (SC 2 bis, 166-167); CLEMENTE DE ALEXANDRIA, Pedagogo, I,4,2 (SC 70, 114-115); V, XIV,94,5 (SC 278, 180-181). Apud. CONT, Alessandro, 2017.,p 86)

¹⁵³ κατά εικόνα em Orígenes tem o valor de “para Cristo” ou “em ordem a identificar-se com Cristo” (ORBE, Antonio. Antropologia de San Ireneo, 1997., p 110-111).

¹⁵⁴ CONT, Alessandro. 2017.op. cit. p.87

¹⁵⁵ IRINEU, op. cit., III, 18,1 p.177

Também através da criação o Verbo revela o Deus criador, através do mundo o Senhor que ordenou o universo, através da obra modelada o Artífice que a modelou e através do Filho o Pai que O gerou [...] através do próprio Verbo, tornado visível e palpável, o Pai revelou-se: ainda que nem todos creram nele da mesma maneira, todos viram o Pai no Filho (Jo 14,9): porque o Pai é o invisível do Filho e o Filho é o visível do Pai¹⁵⁶.

O contexto da citação é o do Filho encarnado, uma vez que, o Verbo é descrito como visível e palpável. Em outras palavras, a realidade invisível que se tornava manifesta no Filho encarnado era o Pai, e que a realidade visível na qual se tornava manifesto o Pai era o Filho encarnado. Neste sentido, esboçasse melhor o “modelo” do primeiro Adão, que foi modelado a partir do corpo do segundo. Ao falar do segundo Adão, se fala de Jesus na sua humanidade gloriosa, isto é, no corpo assumido depois da ressurreição, de tal modo que, através desta humanidade renovada, o Pai se torna visível ao homem através do Verbo¹⁵⁷.

Se o próprio Filho, assim como o Espírito, não é visível ao homem na sua essência, porém, se torna nas manifestações pessoais da sua essência, isto é, através da humanidade do Verbo. Desta forma, que o carácter específico do Filho não é a incorruptibilidade ou a imortalidade, mas a dimensão visível destes aspetos divinos, de modo que, quem entende as propriedades do Pai, pode vê-las no Filho.

Se, depois, esta revelação envolve a forma humana e a assimila a si, o elemento “à imagem” eleva-se à própria “imagem de Deus” até confundir-se com ela. A humanidade gloriosa de Jesus conserva a essência humana (à imagem) acrescentada das qualidades do Espírito congénitas na Pessoa do Filho. Deste modo, resplandece no Verbo a imagem de Deus através da sua humanidade pessoal e fisicamente possuída¹⁵⁸.

Não é suficiente dizer que, o Logos adotou (para os fins pessoais) a forma ideal só representável a nível terreno do corpo humano. É lógico que o Filho, imagem positiva do Pai quis também positivamente refletir os seus atributos pessoais na forma do corpo humano¹⁵⁹, adaptando-se aos desígnios da Economia da Salvação. O Verbo

¹⁵⁶ Ibidem. IV, 6,6 p. 381 a 329

¹⁵⁷ “Distingamos. El primer Adán fue plasmado en atención al cuerpo de segundo Adán. El uno es imagen del otro, en cuanto al cuerpo. Eso basta para salvar la ejemplaridad del segundo Adán, personalmente Verbo de Dios.” (ORBE, Antonio. op. cit., p.113)

¹⁵⁸ “La humanidad gloriosa de Jesús conserva la esencia humana (=lo ‘a imagen’). Y sobre ella, la ‘qualitas Spiritus’ congénita a la persona del Hijo. Unida la esencia humana con la cualidad divina, resplandece doblamente el Verbo, dejando transparentar la propia *forma Dei* al través de de la humanidad, personal y aun físicamente poseída”(ORBE, Antonio, 1997. op.cit., p. 115

¹⁵⁹ Ibidem, p.117

decidiu configurar-se com aquele que havia de salvar e resolveu conformar-se com ele segundo a ordem das virtudes que melhor se adaptam para os fins da deificação da carne e, conseqüentemente, do exercício livre dos atos pelos quais se disporá a salvação¹⁶⁰.

A realidade do Verbo ter-se adequado ao corpo humano e não a outro corpo qualquer é prova de que só o corpo do ser humano respondia, nos seus membros, às necessidades da deificação. O corpo do homem, portanto, constitui a “imagem do Verbo” e não simplesmente a imagem do corpo ou da carne do Verbo; ele é o cunho verdadeiro do Filho, o qual o modelou à imagem de si próprio¹⁶¹.

3.2. À semelhança de Deus

Além do homem ter sido criado à imagem de Deus, ou “imagem da Imagem”, mas a narração da criação também afirma que foi feito a “semelhança”. Esta semelhança no texto de Gn 1,26 teve grandes repercussões, discursões e interpretações dos termos “Imagem e semelhança”, nos autores eclesiais.

Tertuliano, por exemplo, “distingue entre uma semelhança por natureza e outra por graça”¹⁶². De forma contraria, tanto Clemente de Alexandria, Orígenes e Gregório de Nissa, não distinguem entre natural e sobrenatural e consideram que a imagem é o desejo do sobrenatural e a sua semente, uma vez que o natural é contido implicitamente na imagem. A distinção entre imagem e semelhança corresponde, em certa medida, à distinção entre a ordem natural e sobrenatural. Segundo Clemente de Alexandria e Orígenes, porém, a imagem foi impressa na criação como germen da deificação e a semelhança, seguindo a linha de pensamento da filosofia grega; é o fim do progresso espiritual que leva à felicidade.

Desta forma, no geral, os teólogos de Alexandria, ensinaram que a imagem é uma condição na qual o homem foi criado, e que todos os homens a possuem. E que foi conservada mesmo depois da queda de Adão¹⁶³. E que a semelhança por sua vez, é um objetivo, meta que o homem é chamado a alcançar. No entanto, Irineu distingue os dois termos em um sentido particular e específico.

¹⁶⁰ CONT, Alessandro.2017, p.89

¹⁶¹ ORBE, Antonio. Antropologia de San Ireneo,1997. p. 116 à 117.

¹⁶² TERTULIANO, Contra Marcião, II, 4,2-6,4. Apud CONT, Alessandro, 2017. p.92

¹⁶³ Gn 3

Segundo a tradução dos LXX, *ὁμοίωσις* e que no hebraico é *d^emût* que expressa o termo semelhança. Este termo não se parece com a imagem tem uma diferença entre *εἰκών*, no sentido que demonstra um modelo original, quando é retomada por *ὁμοίωσις* que não é por derivação mais casual, por exemplo dois homens que não são parentes.

Quando se coloca a formula: *κατ' εἰκόνα* e *καθ' ὁμοίωσις*; nota-se que a uma compatibilidade no termo *κατά*, que indica uma relação com o modelo de Gn 1,26, que é o próprio Deus. Os dois termos refletem uma relação entre o homem e Deus. Mas o caráter desta relação é diferente: a segunda tem uma ação que outra não tem.

A “semelhança”, de facto, sob a forma dinâmica *in fieri* de *καθ' ὁμοίωσιν* anuncia um destino a realizar: o ajuste entre o homem e Deus segundo uma linha determinável exclusivamente pela economia do Criador¹⁶⁴ esta ação da semelhança última (*ὁμοιότης*) não tem outro limite a não ser o próprio Deus feito homem no Filho, Jesus Cristo, que foi destinado a assimilar a forma pessoal de Deus¹⁶⁵.

O que se entende é que a ‘imagem’ tem a ver com a figura externa do homem e a semelhança é a dimensão interna dele. A imagem tem uma ação diferente da semelhança, no sentido que é uma relação privada de qualquer tendência. Neste contexto, *εἰκών* não merece o nome de *ὁμοίωσις*, mas sim de *ὁμοιότης* porque corresponde à “semelhança estática na forma”¹⁶⁶.

Existe de certa forma, imagens que acabam um princípio de igualdade, destinada ao desenvolvimento, ou seja, um progresso à perfeição. Este é o homem criado à imagem do modelo divino, mais também a sua semelhança, na perspectiva que constantemente ele possa se conformar, perfeitamente ao seu modelo.

Agora recebemos só uma parte do seu Espírito para nos predispor e preparar à incorruptibilidade, acostumando-nos aos poucos paulatinamente a compreender e levar Deus [...] se portanto, esse penhor que habita em nós do Espírito, gritamos: “Abba, Pai” (Rm 8,15), que acontecerá quando, ressuscitados, vê-lo-emos face a face [...] se este penhor, envolvendo o homem em cada sua parte, faz com que diga Abba, Pai, que fará a inteira graça do Espírito, quando será dada aos homens por Deus? Ela nos tornará semelhante a Ele e cumprirá a vontade do Pai, pois fará o homem à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26) ¹⁶⁷.

¹⁶⁴ ORBE, Antonio. Antropologia de San Ireneo, 1997, p. 127.

¹⁶⁵ Este termo se entente como igualdade, semelhança, conformidade; ORBE (1997), p,122 a 128: a chama de “semelhança alcançada”. No Novo Testamento (Hb 4,15) encontramos este termo usado para explicitar a semelhança entre a tentação de Jesus e a nossa.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 123

¹⁶⁷ IRINEU, 1995, V:8,1,.. p 535

O Santo declara que o homem é criado a imagem de Deus desde o princípio e torna-se semelhante a Ele por obra do Espírito Santo. E que opera em dois momentos: primeiro entrega-se parcialmente e só num segundo momento plenamente. O resultado desta obra não é a supressão, mas sim a glorificação (μετασχηματισμός¹⁶⁸) da carne¹⁶⁹. A semelhança, portanto, é obra que o Espírito realiza e que, assim entendida, deveria ser traduzida por “assimilação”, porque constitui um impulso para uma meta¹⁷⁰. Dizer que o homem é criado a “semelhança de Deus”, quer dizer que ele está em processo; mesmo o procedimento sendo tão distante entre o corpo físico e o Espírito divino, o resultado para que isso aconteça é a divinização¹⁷¹.

Conta-se que os valentinianos também pensavam que o homem foi feito a semelhança de Deus. E apresenta-se como uma consubstancialidade a Ele, de forma qualitativa, em desenvolvimento, até o ponto de identificar-se com Ele. Para Irineu, Deus e o homem tem substância diferentes, no entanto, em virtude da semelhança progressiva com a substância divina, o ser humano vai adquirindo as propriedades divinas congêntas, até encontrar em Cristo a perfeita semelhança¹⁷².

[...] ele mesmo [o Filho de Deus] veio ao mundo “numa carne semelhante à do pecado” para condenar o pecado e, condenado, afastá-lo da carne (Rm 8,3) e devolver ao homem a sua semelhança, entregue a Deus como seu imitador (Ef 5,1) e reconduzindo-o ao reino do Pai, permitindo-lhe ver Deus e compreender o Pai, Ele, o Verbo de Deus que habitou no homem (Jo 1,14) e tornou-se Filho do homem para acostumar o homem a acolher Deus e acostumar Deus a habitar no homem segundo o beneplácito do Pai¹⁷³.

Mesmo que a semelhança não possa apagar a distância *física* das naturezas humana e divina, pode alcançá-la qualitativamente na medida que o homem, em que deixa as qualidades materiais (congêntas), sendo assim, adotar a forma de Deus tornando deificado.

¹⁶⁸ Vem da palavra: μετασχηματίζω (transformar, mudar a forma)

¹⁶⁹ ORBE, Antonio.1997., p. 128

¹⁷⁰ Ibidem, p. 128

¹⁷¹ “Pero, em virtud de la semejanza progresiva con la substancia de Dios, acabará por adquirir las propiedades congénitas a la natura del Padre. Y en su punto final, en Cristo, logrará la *perfecta* ὁμοίότης (resp. ἄφθαρσία) del Verbo con el Padre, revistiendo en carne la forma operante de Dios. La semejanza del hombre con Dios no puede borrar la distancia física de sus naturalezas_ el un material y creada, la otra espiritual e increada_; pero sí la *qualitativa*; olvidado de sus propiedades (materiales) congénitas, adoptará el hombre para siempre la forma de Dios, hecho incorruptible e inmortal como El”. (Ibidem, p. 125)

¹⁷² Ibidem p. 125

¹⁷³ IRINEU, 1995, III; 20,2 p. 340

3.3. Salvação na carne

Por Irineu ser grego, sua forma de pensar é totalmente oriental. Haja vista que, toda tradição oriental, baseia na passagem da *θεολογία à οἰκονομία*:

Coincide com o cerne do mistério e da presença da Trindade. Na santíssima Trindade, que é mistério da comunhão, o Pai quer, na sua benevolência, irradiar por participação ao resto dos seres criados esta vida de comunhão que lhe é própria. Esta vontade divina, eterna e anterior a todos os séculos (1Cor 2,7), é chamada *μυστήριον* (mistérion) por Paulo (Rm 16, 25-26; 1Cor 2, 10; Cl 1, 26-27). Este “mistério”, atualizado no tempo, consiste na criação do universo e, de maneira especial, do homem, para que tudo se torne participante da vida trinitária, cada coisa conforme a sua capacidade. projeto de participação à vida trinitária possui, por sua vez, uma estrutura essencialmente tripartida: é a participação na vida do Pai através do Filho no Espírito Santo. A realização histórica deste projeto, que começa com a criação e chega à consumação final, encontra a sua recapitulação na *οἰκονομία* da encarnação do Filho do Pai atualizada no Espírito¹⁷⁴.

O Bispo fundamenta sua ideia através do livro do Gênesis, onde define a origem e formação do homem, assim como sua escatologia. Desta forma, a obra da criação não foi feita por um demiurgo, mas de Deus Pai e através de suas mãos. Ou seja, obra trinitária no homem e ao longo da história de salvação. “Assim, então, se demonstra um só Deus, Pai, incriado, invisível, criador do universo, acima do qual não existe depois dele. Deus racional e, por isso, todos os seres foram criados pelo Verbo; Deus é Espírito e, assim, ordenou todas as coisas”¹⁷⁵.

No seu modo de pensar, Irineu entende que no Pai é aquele que todas as coisas subsistem e de onde provem toda a iniciativa. E por seguinte, o Filho manifesta-se imagem no qual o Pai opera e ao mesmo tempo, como força que realiza todas as coisas e o Espírito garante a ordem do Pai. Ou seja, o Filho leva a criatura a existência e o Espírito orienta e harmoniza todas as coisas.

Diante as tendências dualísticas dos gnósticos, o bispo de Lyon apresenta uma soteriologia toda ela baseada na unidade Trinitária:

[...] ele afirma a unidade de Deus, o Criador e Pai invisível; a unidade do Verbo que, encarnando-se, é verdadeiro Deus e verdadeiro homem; como também a unidade do Espírito Santo que educa o homem carnal e material transformando-o em espiritual e tornando-o semelhante a Deus. Irineu insiste

¹⁷⁴ CONT, Alessandro.2017, p.104

¹⁷⁵ IRINEU, Demonstração da pregação Apostólica, 2014. p. 74

em sublinhar a importância de um Deus único que conduz o único género humano desde a criação até ao cumprimento, mas sublinha esta unidade tendo sempre em vista a salvação do homem inteiro. Da mesma forma, para ele, o único Cristo tornou-se homem para a salvação de todos os homens: verdadeiramente sofreu e verdadeiramente ressuscitou e tudo isto em vista da *salus carnis*¹⁷⁶.

Em vista disso é que Irineu apresenta suas linhas principais da doutrina da salvação da carne em relação a obra criadora da Trindade: o Deus único guia o único género humano desde a criação até ao cumprimento da comunhão como Ele¹⁷⁷. Deste modo a iniciativa educadora e pedagógica do Pai, do Filho e do Espírito apontam para a salvação do homem inteiro.

Sua soteriologia é elaborada no entrelaçamento da Teologia (*θεολογία*) da criação com a Economia (*οίκονομία*) divina da salvação e destina o ser humano àquela meta que Deus lhe tinha designado ao cria-lo à imagem e semelhança. Neste sentido, o homem torna-se é *capax Dei*: capaz de conhecer a Deus e de acolher o dom que Ele faz de Si mesmo. Com efeito, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26). Isto é, mediante o conhecimento de Deus, torna-se semelhante ao seu Criador e capaz de contemplar Deus transcendente assim como ele é: Deus será glorificado na sua criatura, conformada e modelada ao seu próprio Filho, pois, pelas mãos do Pai, isto é, por meio do Filho e do Espírito, o homem, e não uma só parte, torna-se semelhante a Deus¹⁷⁸.

Anteriormente foi citado como o homem, por meio do Verbo, foi formado a imagem de Deus e como o Espírito tem o impulso de torna-se a sua semelhança, em que o objetivo final é a plena comunhão em Deus; Tornando-se o homem novo espiritual. Este caminho de integração do homem passa através da Encarnação.

Tudo está contido nessa visão de Irineu. Não se pode isolar um aspecto dela sem deformar o resto, sem introduzir um contrassenso. A Criação e a Encarnação são apresentadas aqui como inextricavelmente ligadas: o Verbo criador, invisível nos tempos anteriores, se torna visível ao homem para que este possa ver a imagem segundo o qual foi formado. Tornando-se ele próprio semelhante ao homem, o Verbo mostra que aquilo pelo que o homem vive é a própria vida, a vida daquele a quem se assemelha¹⁷⁹.

¹⁷⁶ CONT, Alessandro.2017, p.105-106.

¹⁷⁷ IRINEU, 1995, V, 36,3, p. 616

¹⁷⁸ Ibidem, V, 6,1, p. 530

¹⁷⁹ SINGLES, 2010, p. 48.

Pela Encarnação, Deus faz-se homem para estar junto do homem, nela o homem pode conhecer o seu fim e nela que é a sua semelhança com Deus é definitivamente realizada. A encarnação do Verbo constitui o ápice da obra criadora do Pai e também, o princípio da ação santificadora do Espírito. Neste ponto, encontra-se a grande façanha do Bispo de Lyon, em que, o homem criado e composto de alma e corpo, é conduzido à salvação da carne, isto é, à incorruptibilidade do homem no seu todo, por parte do mesmo Deus Criador, que entra na história como verdadeiro homem. Somente por meio do Deus-homem era possível subsistir a semelhança com o Deus invisível e incomensurável dentro de uma livre história da humanidade¹⁸⁰.

O Verbo, Unigênito de Deus sempre achegado ao género humano (Jo 1,1-10), uniu-se intimamente à sua obra pelo o beneplácito do Pai e se fez carne outro não é senão Jesus Cristo nosso Senhor, que por nós sofreu, ressuscitou e voltará, na glória do Pai, para ressuscitar todo homem e para revelar a salvação e aplicar a regra do justo juízo a todos aqueles que estou submetidos ao seu poder. Portanto, [...] um só Jesus Cristo, nosso Senhor, que se torna presente por meio de toda economia e recapitula em si todas as coisas (cf. Ef 1,10). Neste “todas as coisas” esta incluída o homem, modelação de Deus¹⁸¹.

3.3.1. A Recapitulação

O termo ‘recapitulação’ (*ἀνακεφαλαίωσις*) é uma ideia Iraniana, e tem como sujeito e meta Cristo. A encarnação, assim como a cruz e a parusia, são momentos da recapitulação, tendo esta, como objeto, todas as coisas. A recapitulação tem um carácter dinâmico porque é, ao mesmo tempo, pressuposto de todo o processo e tensão escatológica da missão e obra de Cristo. Esta realidade abarca todas as coisas, projetando-as para a sua consumação. Dentro desta universalidade sublinha-se, explicitamente, que o homem tem um lugar privilegiado. Quando (o Filho) encarnou e fez-se homem, recapitulou em si a longa história dos homens, procurando-nos em compêndio a salvação, para que recuperássemos em Cristo Jesus aquilo que tínhamos perdido em Adão, isto é, a imagem e semelhança de Deus¹⁸².

O Verbo se fez carne para recapitular o homem, em outras palavras, para salvar o género humano. É sabido, por todos os estudiosos de Irineu, que a motivação

¹⁸⁰ CONT, 2017, p. 107

¹⁸¹ IRINEU, 1995, II:16,6, p. 321

¹⁸² Ibidem, III, 18,1, p. 329

primeira não foi a queda do paraíso¹⁸³. E a razão primeira da vinda do Verbo não foi outra coisa que a salvação do homem¹⁸⁴. Em outras palavras, Deus apesar de tudo, quis sempre salvar o homem e usou várias economias para salvá-lo.

Quando Santo apresenta a recapitulação como um acontecimento que se realiza na encarnação: verifica-se uma coincidência entre encarnação e salvação¹⁸⁵. mas também é preciso lembrar que em outros Textos identificam a salvação com a cruz¹⁸⁶. Nesta perspectiva, não deve surpreender porque confirma simplesmente o desenvolvimento dos conceitos de salvação e de recapitulação. A cruz e a parusia não são realidades acidentais que poderiam acontecer (ou não) uma vez dada a encarnação, mas são necessárias juntamente porque as pertencem. Deste modo, a vinda de Cristo e a economia da sua encarnação são a recapitulação da humanidade, que correspondem ao resumo e à culminação de toda a história.

Na ideia iraniana, pondo em destaque a necessidade da encarnação do Verbo em ordem à salvação do homem inteiro (incluindo, portanto, a sua dimensão material), acaba por colocar a encarnação no centro da história da salvação. É este acontecimento profundamente histórico que permite ao homem alcançar a filiação divina e chegar assim à imortalidade¹⁸⁷, a comunhão plena entre Deus e o homem.

O homem vivendo em comunhão com Deus através do Verbo, também obtém a vitória sobre a morte e chega, por meio de Jesus, à ressurreição. A ressurreição, para Irineu é o grande progresso ao qual o homem está destinado¹⁸⁸. Nesta perspectiva, antes o homem deve se configurar sua vida à vida do Verbo. E tal configuração consiste em uma educação na vida do homem operada pelo Verbo. Verbo educa o homem para assumir a sua vocação. Por isso Irineu lembra que o homem no início da humanidade se encontra em um estado infantil.

A ideia de autoeducação do homem, operada em sua vida pelo Verbo, é justificada por Irineu pela ideia do estado Infantil. Segundo os argumentos de Irineu. Deus não deu ao homem a perfeição desde o começo porque este não tinha capacidade de compreender em que consistiria essa perfeição. Por isso para que o homem compreender esse chamado à perfeição dada por Deus,

¹⁸³ SINGLES, 2010, p. 86

¹⁸⁴ HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de, 2012, p.83

¹⁸⁵ GONZALEZ, Fauz José Ignacio. *Carne de Dios*. O significado salvador de la Encarnación en la teología de San Ireneo. Barcelona: Editorial Herder, 1969., p. 169

¹⁸⁶ IRINEU, 1995 V, 16, 3 p. 562; Demonstração da pregação Apostólica, 33, p.95

¹⁸⁷ Ibidem. III, 19,1 p.333

¹⁸⁸ HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de, 2012,p.88

Jesus veio para um de nós para que compreendêssemos o seu plano de amor para toda humanidade¹⁸⁹.

A medida que se torna um de nós, recapitula toda humanidade em todas as dimensões concretizada na história, tornou-se cabeça dela para leva-la ao estado de perfeição sonhado por Deus que consiste na participação da sua glória e que tem seu cume na ressurreição “ pois a glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus¹⁹⁰.

Por fim a recapitulação do homem consiste, em suma, nessa elevação do homem ao estado perfeito sonhado por Deus e perdido pelo pecado do primeiro homem Adão. Assim, o homem salvo em todas as suas dimensões é elevado a este estado de perfeição e obtém a verdadeira visão de Deus.

3.4. O Homem salvo hoje: um comentário das parábolas usadas por Irineu

A Escritura é a base de todo o seu pensamento e a tradição é a maneira como o Bispo de Lyon interpreta em comunhão com Igreja e as Escrituras. E contempla por meio de suas páginas a concretização da salvação na vida do homem e na história, pelos textos do Novo Testamento.

O comentário que Irineu tece das parábolas de Jesus é o melhor exemplo dessa sua exegese de cunho soteriológico, pois tal exegese dos textos neotestamentários visa confirmar toda a sua compreensão acerca da economia do Verbo. O Santo, ao comentar a parábola dos vinhateiros (Mt 21,33-43), mostra o chefe dos vinhateiros como Pai do Céu e os vinhateiros como todos os homens que compõe a humanidade, sejam bons ou maus,¹⁹¹ sendo que reconhece nos vinhateiros maus aqueles rejeitaram os profetas e depois o seu próprio Filho. A partir dessa parábola, faz uma leitura da história da Salvação. Entende a vinha plantada pelo Pai como obra da criação saída das mãos de Deus com a criação de Adão e também com o chamado dos patriarcas. Depois, confiou essa vinha aos vinhateiros, por meios da lei judaica, e o campo por ele plantado seria Jerusalém. E, nesse lugar por ele escolhido para enviar o seu espírito, enviou vários profetas antes e depois do exílio para exorta-los a fazer

¹⁸⁹ HOLANDA, Erasmo Carlos Gomes de, 2012, p. 88. Apud. IRINEU, op. cit., IV p. 505

¹⁹⁰ IRINEU, op. cit. IV 20,7 p. 433

¹⁹¹ Ibidem IV 36,1 p.489

frutificar a vinha dada pelo Senhor¹⁹². O fruto da vinha seria a prática da justiça e o cuidado com o estrangeiro, o órfão e a viúva. Porém, com os vinhateiros não deram atenção aos apelos do Senhor por meio de seus servos (os profetas), enviou nos últimos tempos o seu próprio Filho. Sendo que o Filho foi morto e rejeitado pelos vinhateiros.

Assim, por meio da rejeição dos maus vinhateiros, Deus entrega a sua vinha ao mundo inteiro para ser cuidada pelos bons vinhateiros, Deus entrega a sua vinha ao mundo inteiro para ser cuidada pelos bons vinhateiros. E quem são bons vinhateiros? Os bons vinhateiros são os cristãos que vão dar frutos no tempo devido. Talvez para alguns, essa seja uma leitura simplista que Irineu faz das Escrituras. Porém, essa é uma leitura feita por um homem de fé que reconhece no Novo Testamento o cumprimento do Antigo.

Na obra do Santo outro exemplo de concretização dessa salvação querida e operada por Deus na história da humanidade. Ao comentar a parábola dos operários da última hora (Mt 20, 1-16), afirma que tais operários são enviados a trabalhar na vinha do Senhor desde os primeiros tempos. E ainda entende que Deus continua chamando tais operários nos fins dos tempos. Esta compreensão de fim do mundo nada tem a ver com o fim do mundo. Para o Bispo de Lyon, este fim dos tempos, são tempos em que o Verbo assumiu a nossa humanidade e encaminha a história para o reinado definitivo¹⁹³. Tanto antes do tempo do Verbo como agora nestes novos tempos é o próprio Deus quem chama os operários para trabalhar na sua vinha. Irineu, com tal explicação, nos vai demonstrando que entende a história da salvação como uma grande continuidade. Não existe separação entre os tempos do Antigo Testamento e os do Novo Testamento. O Antigo Testamento prepara os tempos pra a vinda do Verbo e o Novo Testamento concretiza os tempos do Verbo dando continuidade à ação salvífica de Deus na história. Segundo essa linha de pensamento, as ideias de Marcião a respeito dos dois testamentos caem por terra. O Santo mostra uma unidade salvífica na história (não aparente) da salvação como unidade intrínseca entre os dois Testamentos.

Neste sentido salvífico, a parábola da figueira infrutífera escrita por Lucas no capítulo 13, versículos 1-9. Conta que, nessa figueira em um período de três anos não deu fruto. Desta forma, o homem que de tempos em tempos visita a vinha é o Senhor

¹⁹² Ibidem IV 36,2 p. 490

¹⁹³ Ibidem IV 40,1, p. 512

que fala ao seu povo por meio dos profetas. E nesta linha, o povo é exortado por meio dos profetas, a dar muitos frutos e por meio destes mesmos, o Senhor procurou os frutos no seu povo e não encontrou. Uma vez não encontrado, cortou a figueira¹⁹⁴. É preciso ressaltar que aqui Irineu quer explicar sobre a negação do Verbo por parte do povo judeu e não negar lei nem sua unidade com o Novo Testamento. Em vista disso, é que o Bispo de Lyon por meio das parábolas enxerga o desenrolar da história da salvação. Nelas a gratuidade de Deus que oferece aos homens constantemente a salvação e também a liberdade do homem em dizer sim ou não à salvação trazida pelo Verbo.

Com relação às parábolas, Irineu também tece um comentário bastante interessante sobre a parábola da boa semente e do joio e trigo (Mt 13,18-31). Reconhece o mundo como sendo campo, porém, reconhece que, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo e semeou o joio no meio do trigo. Tal joio para o Santo é a semente da apostasia. E nesse comentário, afirma que Deus se compadeceu do homem e se voltou contra o autor do joio, vencendo-o por meio do fruto da Virgem¹⁹⁵. Este fruto que é Jesus Cristo, que pela sua vida, morte e ressurreição derrota o autor da inimizade, devolvendo ao homem a amizade com Deus.

Através das parábolas, percebe-se o aspecto da soteriologia de Irineu como que saltar aos olhos em sua obra. A salvação oferecida por Deus se concretiza na história do homem. É nessa história concreta que Deus se revela e chama o homem por meio de seu Verbo à vida de comunhão com ele e recapitula toda existência. Esse acolhimento do Verbo traz sobre o homem a salvação ou condenação. Não se trata de uma opção somente para amanhã, mas de uma opção concreta do hoje do ser humano. O homem, quando foi criado por Deus, recebeu a capacidade de escolher entre o bem e o mal. Se escolhe o bem, que é a obediência a Deus e observância de seus mandamentos, ganha a vida; porém, se escolhe o mal, já opta de imediatamente pela morte¹⁹⁶. Então, a aceitação da amizade do Verbo por parte do homem e observância do plano de Deus na vida do homem o leva a evolução que comina na ressurreição.

¹⁹⁴ Ibidem IV 36,8 p.498

¹⁹⁵ Ibidem IV 40,3 p. 512

¹⁹⁶ Ibidem, IV 39,1 p. 509

3.5. O Homem e Mulher: sua vocação escatológica

Ao longo dos estudos irineanos, percebe-se que a doutrina da salvação pensada por Irineu tem o homem como principal destinatário. Quando Deus cria o homem e a mulher, Ele cria de forma diferente das outras criaturas. Ele plasma a humanidade com as próprias mãos e o modela tendo em vista a encarnação do Verbo¹⁹⁷. O homem é modelado para que o Verbo de Deus assuma a sua Carne para redimi-lo¹⁹⁸.

Por isso, a expressão melhor usada é: “A humanidade traz na carne a marca de Deus”. Essa mesma humanidade plasmada por Deus através do Verbo é a única espécie que evolui, ou seja, que abandona o seu estado de origem e progride. Parafrazeando o Santo, o homem é criado infantil e por tal razão acaba por cair no pecado. Porém, tal estado não compromete o plano Deus para ele. Por isso Deus encaminha a história para uma grande economia do Verbo e por meio do mesmo se comunica a humanidade e oferece sua amizade a eles. O objetivo de tudo isso é levar a humanidade a um progresso constante. Quando o verbo entra nessa história, convida a humanidade a sair do estado em que se encontra e lhe aponta a sua vida como caminho de progresso. O homem e a mulher por sua vez, corresponde a esse plano de Deus acolhendo o Verbo em sua vida e conformando sua vida à Dele e conformando a própria vida à do Verbo, ele chega ao grau máximo de perfeição que é a ressurreição.

Nota-se que a humanidade se encontra no centro do desejo salvífico de Deus. O Pai quer de todas as formas salvar a humanidade, mesmo com a queda do pecado. Deus se compadece dessa humanidade e envia o seu filho para derrotar aquele que o feriu. Para o Bispo de Lyon, o homem tem uma vocação e destino único na história de salvação: a visão da glória de Deus por meio do Verbo no dia da ressurreição.

A morte (*Θάνατος*), então não é o fim da humanidade, mas plenitude da vida nova assumida na existência humana e que culmina na ressurreição e na renovação do mundo. A história recapitulada pelo Verbo é encaminhada para a instalação do Reino definitivo de Deus. Segundo Sesboué¹⁹⁹, a recapitulação compreende de três

¹⁹⁷ ORBE, Antonio. op. cit., p 117

¹⁹⁸ Sólo deifica a la carne otra carne, al hombre otro hombre. Si la única razón para que el Verbo de Dios asuma la carne (= humanidad) es la salud de ésta [...] La carne material se salva mediante otra igualmente material. ORBE, Antonio. Op. cit., p 490

¹⁹⁹ SESBOUÉ, op. cit. p. 169

formas: a primeira a criação; a segunda a encarnação do Verbo com sua vida, morte e ressurreição; a terceira o retorno definitivo de Cristo à terra. A recapitulação segundo ele, seria a consumação total da história da salvação, concretizada no desejo salvífico de Deus.

Assim a humanidade assume, uma vocação escatológica na história. Vale lembrar que o homem é ainda salvo em todas as suas dimensões: corpo, alma e espírito. O homem é salvo por inteiro, nenhuma dimensão fica fora da salvação, pois todas foram dadas por Deus. Sendo assim para Irineu, o corpo não é ruim ou mal, mas modelado por Deus pelas próprias mãos.

Segundo Sesboüé, carne e corpo, em Irineu, se referem a mesma categoria e são sinônimos do mesmo objetivo expressado pelo Santo. No fundo a carne e corpo querem expressar a constituição principal do ser humano por ele mesmo. Ao ler o livro IV de Contra as Heresias, a humanidade é querida e modelada por Deus, sendo assim, não existe uma negatividade nela, ao contrário, tem positividade concreta e marcada pela impressão de Deus que é sua imagem e semelhança em vista da encarnação, manifestação plena da natureza humana. Desta forma, o corpo é querido por Deus, que traz a marca de suas mãos e da sua obra criadora e é por meio de um corpo humano que o Verbo se fez carne para redimir o homem.²⁰⁰ O Verbo toca, dessa forma, a constituição principal do ser humano que é seu corpo, valorizando, assim, essa constituição tão importante para a vida da humanidade; onde está carne é transformada e libertada pelo Verbo.

Se com efeito, a carne não devia ser salva, o Verbo de Deus não teria feito carne e, se não se devia pedir conta do sangue dos justos, o Senhor não teria tido sangue [...] ora, não se pediria conta dele se não devesse ser salvo, como também o Senhor não teria recapitulado em si mesmo tudo isso se ele próprio não assumisse a carne e sangue de sua obra modelada no princípio, salvando assim na sua pessoa, no fim, o que no princípio perecera em Adão²⁰¹.

É nesta perspectiva que, Irineu ao longo do livro V do Contra heresias, faz questão de ressaltar a importância do corpo do homem. Ele reconhece que essa carne que o ser humano porta, traz limite e fraqueza. Porém, é essa carne que Deus escolhe para enviar o seu Verbo e é por meio dessa carne que Deus deseja manifestar o seu

²⁰⁰ IRINEU, op. cit., IV 20, 2 p. 428

²⁰¹ Ibidem, V 14,1 p. 554

poder. Para o Santo é importante o homem reconhecer seus limites, pois nesse corpo cheio de fraquezas que o Verbo de Deus o remiu e o eleva à plenitude. Apesar dos limites do corpo, é nesta carne, arte das mãos de Deus, que receberá seu poder. Em vista disso, o corpo para Irineu, como todos os membros são um grande dom de Deus.

O Bispo de Lyon em sua obra procura combater os adversários da carne, mostrando que o corpo é bom e criado por Deus. Esta humanidade é portadora de um destino glorioso. Este destino se consuma na realidade concreta do homem. Para os gnósticos, o corpo era uma prisão e a encarnação do Verbo era apenas *δοκειν* (aparecer) aparência, como também, a humanidade era formada por três raças distintas: psíquicos, espirituais e carnais. Ao contrário, Irineu afirma que a priori, todos os homens foram criados por Deus. E assim destinado à salvação e a ressurreição no último dia.

Na doutrina de Irineu, não existe a humanidade destinada a condenação, embora tenha uma possibilidade contrária e de opção pelo mesmo. Para ele, a morte faz parte da existência humana. Todos a humanidade deve passar por ela, mas não é o fim. Na opinião do Santo, o homem continua a viver por meio da alma e do espírito.²⁰² Desta forma o corpo que morre é a decomposição daquilo que foi consequências da queda da humanidade. No entanto ela é aponte para ressurreição e participação do Reino de Deus. A partir disso, entende-se que o ser humano integral (corpo alma e espírito) é portador de um projeto maior e com o fim glorioso.

²⁰² *Ibidem* V 9,1 p.538

CONCLUSÃO

Este trabalho transportou-nos para o mundo e a sociedade de há quase dois mil anos, mas a realidade com que nos deparamos parece não estar tão longe daquilo que estamos a viver hoje.

Atualmente, voltamos a confrontar-nos com um “mundo plural”, que olha muitas vezes com desconfiança para o Cristianismo. Se há dois mil anos a mensagem cristã corria o risco de se confundir com as religiões místicas e órficas orientais, hoje a fé cristã confronta-se e busca perante as espiritualidades que novamente vêm de Oriente e que se apresentam como “novas vias” de salvação.

Se nos primeiros séculos a Igreja se via desafiada pela filosofia helenística de um lado, e pelas seitas religiosas do outro, hoje a mesma Igreja enfrenta, o laicismo racionalista, as ideologias e a deriva espiritual da Nova Era nas suas múltiplas formas e a neognose. Com esta perspectiva, permanecem os desafios, continua a luta e a defesa da “Regra da fé”, prossegue a evangelização e prolongam-se as graças com as quais o Espírito Santo renova e revigora continuamente e constantemente a sua Igreja.

O percurso feito, permitiu ao longo do primeiro capítulo, à revisitar a biografia de Santo Irineu e o movimento gnósticos, como também, suas influências: filosófica e religiosa. O mundo mediterrânico foi berço e teatro de muitas escolas filosóficas, literaturas, cultos religiosos e místicos que durante os primeiros séculos do cristianismo dominavam o horizonte cultural da sociedade antiga. A comunidade era caracterizada por um forte espírito sincretista, tanto que muitas correntes doutrinárias e ideias originárias do Oriente foram acolhidas e assimiladas até pelas mais ilustres filosofias helenísticas.

No segundo capítulo deste trabalho, procura-se destacar os princípios e as ideias antropológicas que estão na base da principal doutrina de Irineu. Nela está contida a contraposição aos gnósticos, tendo como base um antropocentrismo cuja a força está no teocentrismo, onde não há um dualismo, mas apenas a bondade do Criador modelando o homem com sua Imagem e Semelhança, composto de alma e de carne, não com dualismo, mas como uma unidade. Este homem resume em si todos elementos do mundo material e transcendem a si mesmo, como afirma a *Gaudium et Spes* número 14.

Desta forma, o capítulo tratou em base da obra *Contra Heresias*., nomeadamente apontando a análise e interpretação dos relatos bíblicos de Gn 1, 26-27 e 2,7, com o exame da origem e formação do ser humano e, em particular, com a procura e explicação do sentido profundo do termo 'imagem' que relacionam o homem com Deus.

No terceiro capítulo ocupa um lugar propício, onde o mistério humano é iluminado à luz do mistério do Verbo. Neste encontro com o homem perfeito, o homem entende sua vocação e destino ao ser modelado à imagem de Deus e só ele é destinado a adquirir a semelhança perfeita da Imagem de Deus, que é Cristo.

Hoje como ontem o cristão é chamado a ser luz e sal para a sua geração (Mt 5,13-16) como também sinal de contradição, uma vez que não se conforma com este mundo (Rm 12,2) mas vive aspirando as coisas do alto (Cl 3,1). Isto, porém, é feito sem nenhum desprezo pela carne nem pelo mundo (como queriam os gnósticos), pois o discípulo de Jesus, alegrando-se no sofrimento e completando na sua carne o que resta das aflições de Cristo (Cl 1,24), é anúncio vivo da ressurreição que se experimenta e saboreia já no tempo presente (Lc 18,30).

E por fim, em Irineu há uma atualidade para o mundo teológico que tanto tem se esforçado para responder à luz da fé aos desafios lançados hoje ao homem. O Santo ensina, que a salvação começa no hoje da história e termina no céu e na nova terra (Ap 21,1) transformado por Cristo, como também a refletir a fé e os problemas atuais sem nos afastamos do ponto que demarcam a nossa identidade, integral e imutável. Este trabalho não tem a pretensão de resolver todas questões, mas um começo para uma jornada Irineana.

REFERENCIAS:

ANTONIO, Fernando Figueiredo. Curso de patrística I: vida da Igreja Primitiva (século I e II). Ed. Vozes. Petrópolis. 1983

ALTANER, Berthold 1885-1964. A463p. Patrologia: vida. obras e doutrinas dos Padres da Igreja / 2ed. Tradução Monjas Benedictinas) 2 ed. SP. Paulinas. 1988.

BOGAZ, Antônio S. Patrística: caminho da tradição crista: textos, contextos e espiritualidade da tradição dos padres da Igreja antiga, nos caminhos de Jesus de Nazaré/ Antônio S. Bogaz, Marcio A. Couto, Joao H. Hansen. SP. 2008

CARLOS, Carlos. A salvação do homem na Obra *Adversus Haereses* de Santo Irineu: Confronto de mentalidades. Dissertação de mestrado teologia. Belo Horizonte, MG, 2012.

COLA, SILVANO. Operários da Primeira hora: perfis dos padres da Igreja. Ed. Cidade Nova. SP

DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. / [Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa]. São Paulo, Ed. Paulus, 1995

_____. Demonstração da pregação Apostolica; trad. LUIS, Ari do Vali Ribeiro. São Paulo. Ed. Paulus. 2014 (coleção Patristica)

Disponível

em:<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/201114RM9jsTCrZIQfn.pdf>

NEIVALDO J, de Souza. O destino do homem no Plano de Deus: uma análise da antropologia patrística sobre a “imagem e semelhança”. Rev.Pistis Prax, Teol Pastor. Curitiba, v.1, n.1, p.119-145, jan/jun. 2009

Disponível:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/viewFile/21528/20638>

ORBRE, Antonio. Antropologia de San Ireneo. Ed. Autores Cristianos. Madrid, 1997.

SINGLES, Donna, 1928-2005. A gloria de Deus é o homem vivo: Profissão de fé de Santo Irineu. Trad. Tiago José Risi Leme. SP, Paulus, 2010

